UMA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL É POSSÍVEL?

O MAIOR TEMOR DA HUMANIDADE COMEÇA A SER CONSIDERADO PELAS FORÇAS MILITARES E DIPLOMÁTICAS DE TODO O MUNDO. IRREDUTÍVEL EM SEUS PROPÓSITOS, A RÚSSIA NÃO DÁ SINAIS DE QUE IRÁ RECUAR NA INVASÃO DA UCRÂNIA E A OTAN TEME QUE A GUERRA EVOLUA PARA O USO DE ARMAS NUCLEARES E AUMENTA SEUS EFETIVOS NO LESTE EUROPEU

"A perspectiva do conflito nuclear, antes impensável, está agora no campo das possibilidades"
António Guterrez, secretário-geral da ONU

"Não temos interesse em uma Terceira Guerra Mundial"
Jen Psaki, porta-voz da Casa Branca

"A Rússia detém armas nucleares e é muito importante que nós evitemos um terceiro conflito internacional"
Charles Michel, presidente do Conselho Europeu

"As ameaças nucleares de Putin são agressivas e irresponsáveis"
Jens Stoltenberg, secretário-geral da OTAN

Até

3,3

pontos Livelo
no cartão de crédito
sem anuidade.

TANGUY BAGHDADI
Professor de Relações Internacionais

"A URSS NUNCA FICOU TÃO ISOLADA COMO A RÚSSIA ESTÁ HOJE"

Filho de argelino com mãe carioca, o professor de Relações Internacionais Tanguy Baghdadi ganhou a cena entre os jovens brasileiros ao explicar a invasão da Ucrânia pela Rússia de uma maneira simples e didática. Apesar de passar por instituições como Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Ibmec, é através do podcast "Petit Journal", realizado em parceria com o economista Daniel Sousa, que Tanguy, como é conhecido pelos alunos, atrai milhares de ouvintes. Para ele, que logo aos 22 anos começou a dar aulas em cursos preparatórios para o concurso de admissão à carreira diplomática, falar sobre geopolítica aos 37 é como "contar uma boa fofoca". Apesar do talento para transmitir conhecimento, o professor vê a situação dos refugiados com preocupação e seriedade. "Em menos de vinte dias, quase três milhões de pessoas saíram da Ucrânia. É uma catástrofe", diz. No campo doméstico, aponta como a nova direita faz malabarismos ideológicos para defender Vladimir Putin e fala sobre a voz enfraquecida e repleta de cacofonia do Brasil no cenário internacional.

Por Taísa Szabatura

DIDÁTICO O professor de Relações Internacionais, Tanguy Baghdadi não vê solução fácil para a guerra

É possível prever um desfecho para a guerra na Ucrânia?

Não tem conclusão fácil porque enquanto Vladimir Putin precisa terminar a invasão o mais rápido possível, o jogo da Ucrânia é, de certa forma, estendê-lo ao máximo. A Ucrânia precisa que a Rússia sofra e quanto mais rigorosas forem as sanções contra os russos, melhor. Quanto mais demorar para os russos invadirem o país, mais sobra tempo para que a Ucrânia seja socorrida. Se a Rússia simplesmente recuar agora, ela se tornará a grande perdedora. Ou seja, a guerra pode durar mais duas semanas, com os dois países resolvendo a disputa em uma mesa de negociação, ou podemos ver a Ucrânia totalmente derrotada. Outra possibilidade é a Rússia passar anos tentando ocupar militarmente a Ucrânia, lutando contra guerrilhas ucranianas, por exemplo.

Ou seja, podemos ter uma segunda Síria?

Na Síria, Assad venceu a guerra porque não foi deposto, mas isso não significa o fim da violência. Você continua tendo rebeldes no norte da Síria e atritos com os Curdos, por exemplo. Mas qual a grande diferença entre Síria e Ucrânia? A Síria não fica na Europa. Já o conflito na Ucrânia envolve diretamente a OTAN e o questionamento: somos capazes de conter a Rússia? Ela pode fazer o que bem entender?

O medo de uma Terceira Guerra Mundial nunca foi tão real. Vamos chegar nesse momento?

A terceira guerra mundial será a última guerra da humanidade. Se ela acontecer, provavelmente, será uma guerra nuclear. Mas, se formos pensar do ponto de vista econômico, a Rússia já está sofrendo um grande revés. O mundo passou o século XX tentando evitar esse embate entre Rússia, então União Soviética, e os países da OTAN, e o que estamos vendo hoje em relação às sanções nunca aconteceu antes. A URSS nunca ficou tão isolada como a Rússia está hoje. Em termos mais amplos, além do militar, uma guerra de informação e uma guerra econômica e comercial já estão acontecendo. Mas repito, não acredito em um conflito militar entre a OTAN e a Rússia.

Há uma saída honrosa para Vladimir Putin, que não deve aceitar uma rendição, ou ele partirá para uma guerra total?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Vivemos num momento único da história, não há paralelo que se consiga fazer com os acontecimentos do passado. Putin já tinha pintado e bordado na Geórgia, depois tomou a Crimeia e as consequências eram relativamente pequenas. Ele continuava a ser recebido em outros países, encontrou Biden, tinha aceitação internacional. Agora há um sentimento de ojeriza a Putin, que não havia com tanta intensidade no passado. De não ter mais empresa de cartão de crédito, de hotelaria, de marcas internacionais como McDonalds e Pizza Hut. O isolamento chegou até ao petróleo e, no momento em que isso aconteceu, o conflito escalou para um patamar inimaginável. Putin pode até ir para a mesa de negociação, mas de forma que saia vitorioso. E mesmo que isso aconteça, não consigo ver a Rússia sendo reabilitada no plano internacional em curto prazo.

“A política externa brasileira está sofrendo por causa de certa cacofonia. São duas vozes diferentes: a do presidente e a do Itamaraty”

Existe a possibilidade de Putin ser deposto?

No momento, não. Mesmo com as sanções aos oligarcas, às redes sociais e à cultura russa, o presidente ainda controla todos os aspectos da vida no país. Putin é muito poderoso e, mais importante, é um líder totalmente popular, algo que no Ocidente temos bastante dificuldade de vislumbrar. Os russos olham para ele como alguém que foi capaz de devolver a grandeza da Rússia: a grandeza da Rússia czarista ou da União Soviética.

Esse sucesso interno de Putin seria o que Bolsonaro e o ex-presidente Donald Trump tanto almejam?

Existe uma grande admiração pelo estilo de poder que o Putin exerce. Fica bastante claro, por exemplo, ao ver a relação de amor e ódio que o ex-presidente Donald Trump tinha pelo presidente russo. Havia um respeito enorme, um tom de elogio por alguém que conseguia conduzir seu país da maneira correta. E com Bolsonaro é a mesma coisa. Bolsonaro deve ter ficado honrado com o elogio que Putin fez a ele, de que ele teria as “melhores qualidades masculinas”. Isso faz parte de uma estética de poder que agrada muito a essa nova direita global. A nova direita vê em Putin alguém que valoriza o lado tradicional da nação, que fala da religião, dos valores nacionais, que tem uma postura conservadora, imperialista, um sentimento de “ninguém vai passar a gente para trás”.

Qual o efeito da frase do presidente Jair Bolsonaro ao se dizer “solidário” à Rússia?

A política externa brasileira está passando por um momento curioso por causa de certa cacofonia. São duas vozes diferentes: a do presidente e a do Itamaraty. Elas geralmente andam juntas porque quem escolhe o ministro das Relações Exterio- **>>**

FOTOS: ANDRE ARRUDA; ANDREW KELLY/REUTERS/FOTOARENA

res é o presidente e você coloca ali um chanceler que tenha uma voz parecida com a sua. Agora, ao mesmo tempo em que temos um Itamaraty defendendo a posição do Brasil na ONU, dizendo que o uso da força é condenável, temos um presidente falando em solidariedade com o agressor. Em todo o lugar que o Brasil é chamado a opinar, do ponto de vista diplomático, a posição é essa, de condenar a violência. Por isso impressiona o descompasso das duas posições. Quando o presidente fala isso, de solidariedade, ele faz isso ao lado do presidente Putin ou em lives para os seus apoiadores.

Essa seria a razão de Bolsonaro ter sido deixado de escanteio pelos Estados Unidos depois de Trump?
A posição do presidente é pessoal. Bolsonaro nutre uma admiração por Putin, mas também tem o eleitorado doméstico, a base de apoio dele, que não faz a menor ideia de quem seja Volodymyr Zelensky. Há essa ideia de que a Ucrânia está muito alinhada aos tais valores globalistas da União Europeia, um antro de regras do politicamente correto, enquanto que a Rússia estaria se contrapondo a isso. Essa visão que Bolsonaro tem é compartilhada por muita gente dessa ala da nova direita.

Do ponto de vista ideológico, há diversos termos que se misturam no conflito. Como a direita lida com essas inconsistências entre democracia e comunismo?
A nova direita brasileira não preza pela coerência do ponto de vista ideológico. As posições ideológicas são de ocasião. Até outro dia esse mesmo extrato político considerava que o presidente Bolsonaro estava fazendo um excelente trabalho ao se aproximar dos Estados Unidos, como uma grande referência cultural e econômica da política para o Brasil. Quando muda o presidente, há a possibilidade de você também mudar o discurso e colocar os EUA como um país globalista, governado por Biden, um presidente praticamente socialista. E a esquerda também está perdida em quem defende, não é exclusivo da direita.

O argumento de Putin de combater o neonazismo na Ucrânia procede?
Embora não façam parte do governo e não tenham uma relação palaciana, a Ucrânia é um dos países que possui o maior número de grupos neonazistas organizados na Europa. Porém, o que o Putin faz é uma relação entre o nacionalismo ucraniano, que de fato existe, com o movimento neonazista. Ou seja, qualquer postura anti-Rússia é automaticamente neonazista.

Qual é o papel da Europa nesse momento?
A Europa ficou como coadjuvante. Se você for pensar nos três líderes de maior destaque, como Macron, que provavelmente vai passar por uma eleição muito difícil agora em abril, Olaf Scholz, que está com o problema gravíssimo de substituir a Merkel, que sabia lidar com Putin, e Boris Johnson, que está perdido, tentando se manter mais uma semana no poder, vemos uma entressafra de lideranças. Vimos Macron e Scholz irem até Putin para conversar e tentar um cessar fogo com hesitação e sem firmeza. A Alemanha mesmo demorou para decidir se iria bater de frente com a Rússia, por exemplo.

Como o conflito da Ucrânia influencia diretamente a população brasileira?
A tendência econômica mundial é de inflação, algo que já está acontecendo e que deve piorar. Quando o combustível aumenta, tudo na cadeia de produção se torna mais caro. Mas também há uma perda de influência muito grande já que a Rússia era um país muito importante para o Brasil no sistema de inserção internacional. Como um dos atores centrais dos Brics, o fato de a Rússia estar desabilitada neste nível, enfraquece a posição dos países periféricos de uma forma geral. Esses países que vinham nos últimos 20 anos contestando a ordem vigente, dizendo que era preciso ter um espaço maior de discussão, algo que fosse além do G7. Então a posição brasileira fica enfraquecida porque o multinacionalismo é a única posição que interessa ao País. Se o papel da diplomacia perde força, o Brasil perde força também.

A onda de refugiados do conflito surpreende, foram 3 milhões de pessoas fugindo da Ucrânia em apenas 20 dias de conflito, qual o impacto dessa movimentação?
É muita gente, ainda mais quando se leva em consideração que é um país com 44 milhões de pessoas. Daqui a pouco serão 10% da população fugindo da zona de conflito. É uma catástrofe em termos humanos, fora a angústia de perceber que quando o refugiado é sírio ou afegão, temos uma "crise humanitária que coloca os valores europeus em risco", algo que não acontece com os ucranianos. A questão não é "os refugiados ucranianos não devem ser recebidos, mas sim a de que todos os refugiados sejam recebidos. O topo da dimensão humana desse conflito, infelizmente, ainda está longe de ser alcançado, algo que sem dúvida irá impactar no nível de resistência que Vladimir Putin irá enfrentar no futuro. ■

> "A Europa virou coadjuvante. Se pensarmos nos líderes de maior destaque, Macron, Scholz e Johnson, vemos uma entressafra de lideranças"

FOTO: LEON NEAL/POOL PHOTO/AP

Editorial

O ARBÍTRIO DA CENSURA

Na base do totalitarismo vem a censura. Primeira das ferramentas de governos autoritários para colocar em campo regimes de exceção a contento, ela começa, quase sempre, de maneira sutil, aos poucos, revestida de pseudos-argumentos a favor da ordem e dos bons costumes. Depois se alastra como padrão de controle nas sociedades subjugadas a líderes despóticos. O time do presidente Jair Bolsonaro – e ele, em pessoa – vêm dando provas caudalosas e demonstrações incontestes de flertes com esse pendor, dia após dia. O último dos movimentos na mesma direção soma cretinice e cinismo para barrar a veiculação de um filme (todo ele, ficção) do humorista e apresentador Danilo Gentili, intitulado *Como Se Tornar O Pior Aluno da Escol*a, lançado em 2017 e que, curiosamente, apenas agora serviu de mote, em plena decolagem da campanha eleitoral, para que os lunáticos seguidores do capitão resgatassem a bandeira do falso moralismo. Em gritante afronta aos preceitos constitucionais, que pregam a liberdade de expressão, a tropa do atraso resolveu encasquetar com uma cena, de claro humor cáustico, alegando tratar-se de uma apologia à pedofilia. Demência em forma de protesto. Por mais amoral que a situação ali mostrada pudesse sugerir, enquadrava-se em um relato ficcional e, portanto, passível de exposição, sem qualquer direito de interferência por parte do Estado. Mas o pelotão de choque governamental não entendeu assim e, atropelando todas as normas e procedimentos legais, não apenas desceu a lenha na película – previamente, anos atrás, aprovada na mesma pasta da Justiça que quis barrá-la –, como determinou a sua imediata remoção de todas as plataformas de streaming do País, sob pena de multas pesadas. Um desassombro! Nunca, em tempos democráticos, figurou como função do Executivo determinar o que, como e quando uma obra cultural poderia ser assistida e circular livremente. No máximo caberia sugerir a classificação etária. Nada, além disso. Estava, assim, na ordem do titular da Justiça, tipificada uma violação à Carta Magna. Mais uma. O ministro Anderson Torres, em clara delinquência de gestão, havia mandado estampar no *Diário Oficial* o que considerou "providências cabíveis" pelo que interpretou como "detalhes asquerosos" do trabalho. Proibiu sumariamente a exibição pelas empresas privadas Netflix, Globo, Google, Apple e Amazon, algo completamente fora de suas atribuições. Teve, logo a seguir, de voltar atrás e contentar-se com uma revisão da faixa por idades aconselhada (lembrando que classificação indicativa é mera recomendação). Desde já é preciso que fique claro: ninguém tem o poder de dizer ao brasileiro o que pode entrar na sua casa para ele ler, assistir ou ouvir. É do livre arbítrio de cada um tomar essa escolha. Promover crimes como o da apologia a qualquer tipo de desvio comportamental está em um outro patamar, que deve ser investigado, discutido, julgado e deliberado nos tribunais, jamais nos salões refrigerados do ministério. Na prática, o filme que, de resto, traz qualidade discutível, acabou sendo catapultado pela promoção indevida de um conservadorismo tolo e banal. Ficaria a questão: e daí que ele venha a mostrar situações abomináveis? Seja do nazismo à pedofilia, temáticas de qualquer natureza podem ser

Sumário

Nº 2721 – 23 de março 2022

ISTOE.COM.BR

FOTOS CAPA: ISTOCKPHOTO; ANGELA WEISS/AFP; CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES/AFP; EU COUNCIL/POOL/ANADOLU AGENCY/AFP; ALI BALIKCI/ANADOLU AGENCY/AFP

FOTOS EDITORIAIS: CHRIS MCGRATH/GETTY IMAGES; BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS; CHICO FERREIRA; TUNO DE VIEIRA/EFE

CAPA Com as principais potências dotadas militarmente de aparatos nucleares, a selvagem invasão da Ucrânia pela Rússia poderá levar à deflagração da Terceira Guerra Mundial?

POLÍTICA O peso do conservador Geraldo Alckmin, ex-governador de São Paulo, nas eleições presidenciais

FOTO: REPRODUÇÃO

abordadas sem necessariamente representarem incentivo ou incitação as suas práticas. O motivo original para tamanho fuzuê, ao que tudo indica, teve mais fundo político que qualquer outra coisa. Gentili é declaradamente simpatizante do candidato ao Planalto Sergio Moro, e, por conseguinte, da ala de desafetos dos bolsonaristas. Alguém do bloco do capitão achou por bem imputar ao comunicador acusações de caráter sexual, dessa forma desacreditando-o publicamente. Recebeu guarida do próprio ministro da Justiça, Anderson Torres, que é também (vejam só!) candidato a deputado pelo escrete do mandatário. Tudo encaixado, o rebuliço estava montado. No pano de fundo da opereta bufa, a hipocrisia e estupidez despontam. Os apoiadores da cruzada contra o filme não lembraram ou passaram o pano, convenientemente, sobre um episódio anterior – decerto bem mais grave –, de quando o presidente Bolsonaro fez piada de duplo sentido com uma menina de apenas dez anos, durante uma das habituais lives semanais. Ali o "mito" ironizou, com insinuações de conotação erótica, as alegações da youtuber mirim de que suas primeiras entrevistas em vídeo haviam sido feitas aos seis anos. Na base da gargalhada, ele retrucou com a expressão "começou cedo". Deixando de lado as sempre inadequadas e deploráveis infâmias presidenciais, o episódio de cerceamento a *Como Se Tornar O Pior Aluno da Escol*a encerra lições dignas de nota. A blitz bolsonarista procura desviar o foco sobre o desastre do legado cultural a ser deixado por esse governo. Ele implodiu tudo, até com os mais elementares recursos da Ancine, da Funarte, da Biblioteca Nacional e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que ficaram à míngua. Os áulicos adoradores do Messias tentam recauchutar polêmicas e impor uma guerra cultural cujo objetivo fim é o do retrocesso. Não é competência da pasta de Torres decidir se um filme pode ou não ser exibido, interferir na livre opção de cada um. Caso considerasse ofensiva a temática, uma cena ou o todo do longa-metragem deveria ter procurado o Judiciário e não deliberar diretamente a respeito. Com a canetada, o prestimoso ministro errou feio. Resgatou momentos sombrios e evidenciou o déficit de conhecimento das Leis. Seu contorcionismo retórico em defesa da família fere conceitos basilares da liberdade de comunicação. Intolerável em um ambiente que preza por fundamentos democráticos. Não há como jogar fora das regras. A censura é execrável nas circunstâncias criadas e caracterizou abertamente abuso de poder. Decerto, ninguém pode privar indivíduos independentes de suas escolhas, sejam sobre conteúdos ou quanto à maneira de pensar. Restou o ridículo, o burlesco, o bizarro de mais um gravíssimo atentado da escumalha bolsonarista. ■

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

DE *CASABLANCA* À UCRÂNIA

Eu estava acostumado a assistir apenas em documentários ao desespero de pessoas na Europa tentando embarcar em estações de trens superlotadas para se livrar da expansão do nazismo capitaneado pelo genocida Adolf Hitler. Minha alma doía e ainda dói, em uma espécie de dor histórica, dor retroativa, e eu sempre "falava só com os meus botões" (como costumava dizer meu avô italiano que lutou na resistência contra a tirania do fascismo): esse horror aconteceu com a humanidade, mas nunca mais vai acontecer.

Estudando e reestudando o sociólogo e filósofo alemão Theodor Adorno, sempre reflito sobre uma de suas indagações que me inquietam a mente: tendo já a espécie humana experimentado fazer o seu semelhante sofrer e morrer em campos de extermínio como o de Auschwitz, como será possível evitar novos Auschwitz? Igualmente inquietante, para mim, é o paradoxo formulado pelo filósofo austro-britânico Karl Popper: como defender radicalmente a tolerância, pois, se formos tolerantes com os intolerantes, eles destruirão a nós, os tolerantes? Na literatura isso se chama "Paradoxo de Popper". Coloca-se em relação à maldição dos regimes totalitários, sejam de extrema direita ou de estrema esquerda.

De volta às estações de trens, até o romântico *Casablanca* passou a me deixar aflito porque nele há a cena em que Humphrey Bogart espera em vão por Ingrid Bergman e acaba partindo sozinho em um trem lotado de refugiados quando os nazistas ocuparam a França. Identifico nesse incômodo com o filme o mesmo sentimento acima descrito: uma dor histórica — à época da Segunda Guerra eu era ainda poeira cósmica. Poderia acrescentar diversas reflexões sobre o tema, mas o importante é dizer que aquilo que era por mim considerado dor retroativa tratava-se, na verdade, de medo do futuro, medo de vir a ser contemporâneo de estações superlotadas de gente tentando emigrar para se livrar da morte.

O meu medo me virou realidade. Geograficamente distante, mas vizinho na empatia, sou contemporâneo dos trens e das estações descritas acima, estações com mulheres multiplicadas em mil braços para carregar mil pesadas sacolas, multiplicadas em um milhão de colos para carregar um milhão de filhos, homens tentando ajudá-las enquanto cuidam de abarrotadas bagagens nos ombros. É tanta gente espremida que parece um só corpo, passo por passo, o passo do desesperado da frente é o passo do desesperado que está logo atrás, fisionomias de quem atravessou noites sem se refazer em abrigos subterrâneos ao som de bombas. Vi uma senhora em uma estação tirando um pedaço do pequeno miolo de pão que estava nas mãos de seu filho para dar ao filho de outra mulher...

Vladimir Putin, eu te odeio! Eu te amo povo da Ucrânia!

UMA BOA REFORMA POLÍTICA

No Brasil, grande parte das instituições foi sequestrada por grupos de interesse que se beneficiam delas, ao invés de representarem quem deveriam. Como consertá-las? Simples: verificando se quem elas deveriam representar está disposto a pagar por elas. Se estiver, temos um sinal inequívoco de que sua contribuição à sociedade é superior ao seu custo. Caso contrário, o sinal é claro que elas foram apropriadas e não cumprem seu papel. Para isso acontecer, basta dar aos representados por elas o direito de escolher financiá-las ou não.

A Reforma Sindical de 2017, que fez parte da Reforma Trabalhista deixa claro o caminho. Até 2016, os trabalhadores eram obrigados a contribuir para sindicatos. Anualmente, transferiam, dos seus bolsos, R$ 3,5 bilhões para controle dos sindicalistas. A contribuição aos sindicatos tornou-se opcional. Os trabalhadores ganharam o direito de contribuir apenas para os sindicatos

O Fundo Eleitoral e o Fundo Partidário precisam ser imediatamente extintos. A contribuição sindical obrigatória beneficia os sindicalistas, não os trabalhadores

por Ricardo Amorim

Economista

que acreditam que, realmente, prestam um serviço que justifique a contribuição.

Desde então, o valor que os trabalhadores transferem aos sindicatos caiu para R$ 65 milhões Os trabalhadores passaram a ter R$ 3,5 bilhões a mais, por ano, para gastarem como bem entenderem. Com a queda de seus recursos, alguns sindicatos fecharam; outros se consolidaram. Ainda assim, de acordo com o Ministério do Trabalho, há neste momento, no Brasil, um total de 16.431 sindicatos, sendo 11.257 de trabalhadores e 5.174 de empregadores.

O Fundo Eleitoral e o Fundo Partidário precisam ser imediatamente extintos. A contribuição sindical obrigatória beneficiava sindicalistas, não os trabalhadores. Os fundos Eleitoral e Partidário beneficiam os políticos, não nós eleitores, que pagamos por eles. Com a eliminação destes fundos, poucos políticos e partidos, só os que realmente merecem ser financiados, receberiam recursos voluntários. A grande maioria desapareceria. Os brasileiros teriam R$ 6 bilhões a mais nos bolsos para gastarem como quiserem em anos de eleições e R$ 1 bilhão a mais nos anos sem eleições.

Acabar com contribuições obrigatórias para sindicalistas e políticos não significa ser contra eles ou que todos os sindicalistas e políticos sejam ruins. Gosto de futebol, mas não acho que todos os brasileiros deveriam pagar uma contribuição obrigatória aos clubes de futebol. Quem quiser que vá aos jogos, compre a camisa do seu time ou se torne sócio torcedor. A situação com relação a sindicatos, partidos e políticos é exatamente a mesma.

por Marco Antonio Villa

Historiador

BRASIL: CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE?

As sucessivas crises políticas e fracassos econômicos das últimas décadas geraram uma sociedade egoísta, narcisista, individualista e inimiga das questões sociais, culturais e inclusivas, típicas da sociedade contemporânea. O crescimento destas demandas não encontra receptividade por uma parcela considerável da população. E na estrutura de Estado há uma disfunção que se manifesta em decisões do Judiciário favoráveis ao que determina a Constituição e a ação concreta do Executivo criando sucessivas dificuldades para o enfrentamento das mesmas questões. O STF parece muito mais à frente do que o Executivo e o Legislativo. E, registre-se, não faz política. Simplesmente nas suas decisões cumpri as disposições constitucionais. Ou seja, o Brasil dos anos 1980 está muito mais avançado do que o Brasil dos anos 2020.

O desprezo pelo coletivo, pela nacionalidade, pelo destino comum de uma nação, transformou o nosso País em um conjunto de ilhas que não se comunicam entre si. Isto em vários campos: o da política, da vida social, cultural. A fragmentação é acentuada a cada dia pela ausência de políticas públicas e de uma visão de mundo que almeje a totalidade, a construção de uma identidade. Sim, hoje temos de voltar a esta questão que já esteve presente em vários momentos da nossa história. É possível dizer, agora, qual é a identidade brasileira, suas características, sua forma de ação e reafirmação da nacionalidade? Quem somos?

A hiper valorização do indivíduo em detrimento da sociedade – marcada, inevitavelmente, pelas contradições de classe – edificou o País da barbárie, o País do cada um por si. Até o discurso religioso fortaleceu esta forma de ação. Todos não serão "abençoados", só os "escolhidos", aqueles que, inclusive, contribuem generosamente (monetariamente) para a obra de Deus.

O discurso do liberalismo sem conteúdo social – e entendido como "menos Estado" e mais indivíduo –, deu uma frágil sustentação a uma prática social excludente e que levou ao apagamento das desigualdades sociais. Afinal, cabe ao Estado a elaboração de políticas que possam conduzir à diminuição das desigualdades. Não será a livre manifestação do mercado que permitirá, em uma Nação tão desigual encaminhar as soluções dos graves problemas nacionais. A encruzilhada que estamos percorrendo vai definir o nosso futuro, para, no mínimo, esta década. Se caminharmos para a barbárie daremos adeus a um País que poderia ser grande. Vamos viver de recordações.

O desprezo pelo coletivo, nacionalidade e destino comum de uma Nação transformou o País em um conjunto de ilhas que não se comunicam entre si

Frases

"Não costumo estudar os meus personagens. Faço filmes e pipoca do tipo que via quando criança"

SAMUEL L. JACKSON, ator

"AMO A TERRA DO SOL NASCENTE, MAS NÃO SOU UMA ESPECIALISTA EM JAPÃO"

MURIEL BARBERY, escritora francesa, no lançamento de seu livro *Uma rosa só*, cujo história se passa na cidade de Kyoto

"INTERESSEI-ME EM CONHECER MELHOR ESSAS HISTÓRIAS"

MAURÍCIO DE SOUSA, cartunista, sobre a criação de personagens com deficiência

"Não cometi um único erro, mas quando saí do ar, comecei a chorar"

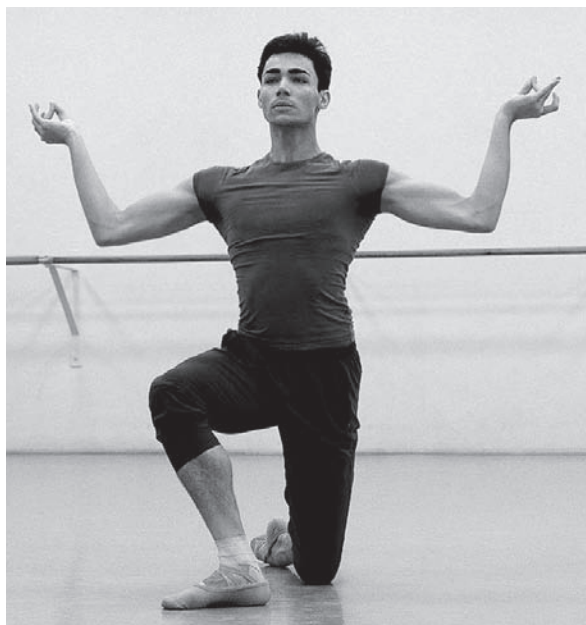
RANDA ABD AL-AZIZ, âncora da emissora de TV estatal do Iraque, ao se tornar a primeira mulher negra a trabalhar nessa função no seu país

"Nada é irreversível quando se trata de política urbana"

RAQUEL ROLNIK, arquiteta e urbanista, que sempre defendeu uma mudança estrutural na organização habitacional brasileira

"O Brasil só andou para trás"

VERA FISCHER, atriz, a respeito do governo de Jair Bolsonaro

por Fernando Lavieri

"Coloquei cinco anos de Rússia numa única mala"

VICTOR CAIXETA, bailarino brasileiro, primeiro solista do Balé Mariinsky de São Petersburgo, ao ter de sair de seu apartamento e interromper a vida artística por causa da guerra

"A SOLUÇÃO JUSTA SERIA TRIBUTAR QUEM LUCRA MAIS COM O CHOQUE DE PREÇOS"

NELSON BARBOSA, ex-ministro da Fazenda, em referência ao aumento dos combustíveis

"Na Ucrânia correm rios de sangue e lágrimas. Não se trata apenas de uma operação militar"

PAPA FRANCISCO

Estou muito feliz por ter um ministério que tem mais mulheres que homens"

GABRIEL BORIC, presidência do Chile

"NO EXTERIOR O MEU LIVRO VAI MELHOR. ISSO MOSTRA QUE O BRASIL NÃO ESTÁ PREPARADO PARA SE ENCARAR EM UM ESPELHO"

PAULO SCOTT, poeta e romancista, sobre o racismo e outros temas presentes em sua obra *Marrom e Amarelo*, o qual lhe valeu a indicação ao prêmio Internacional Booker Prize

FOI UM ATO FEMINISTA. ANTES ESSAS MULHERES ERAM INVISÍVEIS"

CANDACE BUSHNELL, escritora norte-americana, em referência a seu livro Sex & The City, que completou 25 anos

"FORAM 20 ANOS DE DEDICAÇÃO 100%. AGORA QUERO CONHECER UMA VIDA DIFERENTE"

FERNANDA GARAY, jogadora de vôlei, ao decidir dar uma pausa na carreira para se tornar mãe

FOTOS: MATT CARR/GETTY IMAGES NORTH AMERICA; LUCIANA WHITAKER/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO INSTAGRAM

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Eudes Lima

Brasil Confidencial

ARTICULADOR
Kassab fala pouco com a imprensa, mas é incansável nos bastidores

O jogo de Kassab

O presidente nacional do PSD, **Gilberto Kassab**, tem se mostrado um jogador de xadrez que calcula friamente os movimentos do tabuleiro eleitoral. Ele quer chegar ao final de outubro, com o término das eleições, como político indispensável para a governabilidade do próximo presidente, de preferência que seja Lula. Parte importante do jogo ele desenvolve neste mês de março. Lançou Rodrigo Pacheco candidato a presidente, mas o senador não se dispôs a fazer parte da encenação. Tenta agora Eduardo Leite. O objetivo é dividir a terceira via e bloquear uma reação de Doria. O plano é garantir o segundo turno entre Lula e Bolsonaro, onde o petista engole o presidente. Encorajou Alckmin a ver vice do PT porque o ex-tucano racha o PSDB e a centro-direita em favor do lutopetismo.

Força

Paralelamente, Kassab vai fortalecendo suas bases nos estados. Sua meta é eleger em torno de 20 senadores (o PSD tem 11) e pelo menos 50 deputados (tem 36). Articula também a eleição de cinco ou seis governadores, como no Paraná, Minas Gerais e Amazonas. Com essa bancada, o seu partido passa a ter grande influência sobre o futuro presidente.

Estados

Não é por outra razão que o ex-ministro trabalha para atrair o maior número de filiados nesta janela partidária. No Sul, já garantiu a adesão de Ana Amélia, que foi vice de Alckmin em 2018, para ser candidata ao Senado. No Rio, o prefeito Eduardo Paes está filiando vários deputados federais ao PSD, como é o caso de Pedro Paulo e Marcelo Calero.

Impasse no acordo do PT com o PSB

A deputada Tabata Amaral foi um dos motivos que emperraram o fechamento de uma federação entre o PT e o PSB. Em relação à eleição de 2022, estava tudo bem. Lula terá o PSB como vice (Alckmin) e a situação está pacificada. Mas o prefeito de Recife João Campos impôs que em 2024 sua namorada, Tabata, seria candidata a prefeita de São Paulo, enquanto Lula já havia prometido a vaga para Guilherme Boulos.

RÁPIDAS

* A PF fez operação policial contra três deputados federais do PL, o partido do presidente, entre eles Josimar Maranhãozinho, que caiu nas malhas dos federais pela terceira vez. Valdemar Costa Neto acha que Bolsonaro quer detoná-lo e ficar com o partido para ele.

*** O jornalista Merval Pereira, de O Globo, acaba de assumir a presidência da Academia Brasileira de Letras, pregando que a centenária entidade (125 anos) se torne uma "trincheira a favor da paz". Quer modernizar a ABL.**

* O senador Alessandro Vieira deixou o Cidadania no sábado, 12, atirando no presidente do partido, Roberto Freire. Disse que entrou para a legenda com a ideia de renová-la, mas o dirigente nacional está no posto há 34 anos.

*** Ao lançar Tereza Cristina para o Senado pelo Mato Grosso do Sul e o sanfoneiro Gilson Machado como candidato a senador por Pernambuco, Bolsonaro praticamente decidiu que seu vice será o general Walter Braga Neto.**

FOTOS: AVENER PRADO/FOLHAPRESS; EVARISTO SÁ/AFP; GILMAR FELIX; DIVULGAÇÃO; MÁRCIO LIMA/FOLHAPRESS; EDILSON DANTAS/AGÊNCIA O GLOBO

RETRATO FALADO

"Lula não vai mais enganar os evangélicos"

*O deputado **Sóstenes Cavalcante** (União Brasil-RJ), líder da bancada evangélica, disse que o ex-presidente Lula enganou os evangélicos em sua primeira eleição (2002), mas que isso não voltará a se repetir este ano. "É natural que Lula tente a inserção no meio evangélico, mas ele já soube enganar muito bem a todos até aqui." Ele disse que nos dois governos de Lula e no governo de Dilma "as políticas postas em prática pelo PT estiveram divorciadas dos valores que defendemos".*

TOMA LÁ DÁ CÁ

SIMONE MARQUETTO, PREFEITA DE ITAPETININGA (MDB-SP)

Como a senhora vê a possibilidade de o MDB se aliar ao PSDB para disputar a presidência nas eleições de outubro?

É perfeitamente possível essa aliança. Eu, por exemplo, sou do MDB e meu vice é do PSDB. O PSDB de Doria tem feito um bom trabalho no estado em benefício das cidades, algo que não víamos há um bom tempo.

A senhora acha possível uma chapa Doria-Simone Tebet?

Seria muito bom, mas com a Simone na cabeça, por ser mulher, senadora e por ter feito um excelente trabalho pelo Brasil. Ela tem se mostrado muito preparada.

O que acha da polarização entre Lula e Bolsonaro?

Transito bem nos governos federal e estadual, mas precisamos de equilíbrio e diálogo. O extremismo não dá certo em lugar nenhum.

Está ruim

A situação da economia brasileira vai de mal a pior. Em fevereiro, o IPCA medido pelo IBGE foi de 1,01%, quase o dobro de janeiro, e acumulou uma taxa de 10,54% em doze meses. É o pior resultado desde 2015, no famigerado governo Dilma. O aumento se deu com base no aumento das mensalidades escolares e no preço dos alimentos. Nada teve a ver com o efeito do megarreajuste dos combustíveis do início deste mês. Isso significa dizer que em março a inflação vai a 11% ou 11,5%, e vai estourar todos os planos de uma meta da inflação de 3,5% a 4%. Paulo Guedes errou feio. Vamos depender agora do arrocho na taxa de juros do BC, que deve subir para 14% em breve.

E vai piorar

E ainda não estamos falando sobre os efeitos da invasão da Ucrânia pela Rússia. A FAO, fundo de alimentação da ONU, prevê que os produtos exportados pelos dois países em guerra (trigo, cevada e milho) devem subir 20%. Além disso, o Brasil terá efeitos devastadores do aumento dos derivados de petróleo.

Gato e rato

Está um verdadeiro jogo de esconde-esconde na aliança que sustenta o PT no poder da Bahia, já que o governador **Rui Costa** (PT) não pode ser candidato à reeleição. Depois que Jaques Wagner (PT) desistiu de ser candidato a governador, contrariando Lula, ninguém mais quer o posto. Indicado para a vaga, o senador Otto Alencar (PSD) também se recusa a aceitar a missão.

Surge um tertius

O problema é que para manter a aliança, Costa tem que renunciar ao cargo este mês em favor do vice, João Leão (PP), para ele ficar no governo até dezembro. Surge agora a possibilidade de Jerônimo Rodrigues (PT) ser candidato ao governo e Otto Alencar Filho (PSD) ao Senado. Costa pode acabar saindo para deputado federal. Lula vai ter que intervir.

O candidato dos prefeitos

Rodrigo Garcia assumirá o governo de São Paulo dentro de quinze dias no lugar de João Doria, que disputará a presidência, com uma marca impressionante. Terá apoio de 523 dos 645 prefeitos do estado, o que significa dizer que é o candidato de 81% dos chefes dos executivos municipais. Só do PSDB são 250 prefeitos. Os outros são até de prefeitos que apoiam Bolsonaro, como PL e PP.

Coluna do Mazzini

PASSAPORTES IDEOLÓGICOS

Expoentes dos partidos de centro-esquerda e bolsonaristas, da direita, travam uma batalha velada pelas comissões de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados e Senado. Em tempos de guerra, em especial, as duas são consideradas vitrines políticas-eleitorais essenciais para seus candidatos. Deputados pressionam o presidente Arthur Lira a segurar indicações para os comandos das comissões até que se feche a "janela" de troca de partidos – e assim evitar confusão. PT e o deputado Eduardo Bolsonaro brigam pelo comando da CREDN, vitrine para Lula da Silva ou Jair Bolsonaro. Eduardo tenta realocar nela o assessor especial Filipe Martins, que se queimou em audiência no Senado ao fazer um gesto considerado racista. Em ano de eleição presidencial, comandar as comissões exteriores é o passaporte oficial para viagens internacionais de comitivas, as quais levarão o discurso da direita ou da esquerda a outros países, cujos políticos e investidores estão de olho nos rumos do Brasil.

Em ano de eleição, comandar as comissões exteriores é o passaporte para comitivas que levarão o discurso da esquerda ou direta a investidores

Crescem indenizações contra Covid

Relatório da Federação Nacional de Previdência Privada e Vida indica que o mercado segurador pagou, só em janeiro, R$ 139 milhões em 3.804 indenizações por mortes causadas pela Covid-19. Foram mais de 166 mil sinistros e R$ 6,08 bilhões em indenizações de abril de 2020 – com o início da pandemia – a janeiro de 2022, mesmo sem a cobertura prevista em contrato. Doenças graves/terminais e funeral também tiveram destaque em janeiro – cresceram 26,3% e 24,7%, arrecadando, respectivamente, R$ 118,9 milhões e R$ 87,6 milhões em prêmios. A maior preocupação dos brasileiros segurados são com gastos em tratamentos contra câncer e alzheimer.

Coldre & olho aberto

Delegados e agentes da Polícia Federal realizaram reunião sigilosa em Fortaleza, há dias, para alinhar estratégias de segurança na campanha dos candidatos a presidente da República. É a turma que vai acompanhá-los nas ruas. Houve debate sobre rotas de fuga e monitoramento de populares. O incidente da facada contra Bolsonaro acendeu o alerta.

PT baiano cozinha seu acarajé eleitoral

Ciente de que dia 1º de janeiro será um desempregado, o governador Rui Costa anunciou candidatura ao Senado sem avisar ao padrinho Jaques Wagner. Isso foi festejado pelo vice João Leão (Progressistas), que começou a fazer planos de, como governador interino, eleger bancada do partido. Há dias, Wagner cravou – também sem avisá-lo – que Rui continua no cargo até o fim do mandato. Foi o suficiente para Leão anunciar o rompimento com o PT. O governador engoliu e ficará. Mas, na vendeta, botou o PT no fogo: Rui Costa lançou o desconhecido Jerônimo Rodrigues ao governo pelo partido, sem pedir à cúpula do partido.

FOTOS: P.F. DIVULGAÇÃO; ANDRÉ DUSEK/ESTADÃO CONTEÚDO; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

por Leandro Mazzini

Colaborou: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Mourão à porta, sem continência

O vice-presidente Hamilton Mourão quer disputar o Senado pelo Rio Grande do Sul, mas se esqueceu de combinar a chapa no Estado. Disciplinado, freou conversas e silenciou. Com a indefinição de Bolsonaro sobre o vice na chapa à reeleição, há no Palácio quem indique que o capitão vá manter o general na cota. Agora no Republicanos, ligado à Igreja Universal e representante na Esplanada de boa parte do voto evangélico, Mourão pode ser o melhor representante de duas alas que pesam bem no saldo eleitoral do presidente: cristãos e militares. O general é o mais palatável dentro do Exército.

Todos juntos e misturados no Rio

Gazeteiros de gabinetes dão conta de que o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, que surpreende articulação e forma ampla coalizão, pode sair do PL. Nesse caso, a depender do partido, o vice cotado é o ex-deputado federal Pedro Paulo, da turma do prefeito Eduardo Paes.

Arbitragem complicada

A condução da arbitragem da disputa entre a CA Investment e a J&F Investimentos não ocorreu como esperado em São Paulo. Uma das partes teria contado com número superior de advogados nas salas, comprometendo, assim, a igualdade na disputa.
Um documento teria sido produzido por um escritório fora do processo.
Em se tratando de centenas de milhões em jogo, é quiprocó jurídico na certa.

Tudo zem no MEC

O ministro da Educação, Milton Ribeiro, baixou portaria que levou aos céus a turma zem Brasil adentro. Credenciou a Escola Superior de Ensino de Ayurveda para "oferta de cursos superiores na modalidade a distância". A sede é Porto Alegre, poderá atender presencialmente, e tem quatro anos para provar que a canetada valeu à pena.

NOS BASTIDORES

Teresa foi descartada

Bolsonaro elogiou tanto Tereza Cristina como senadora em cargo de ministra, e citou sua importância na Casa Alta, que os asseclas já entenderam que ele a descartou de vice.

A turminha do Rambo

Metidos a heróis, brasileiros aloprados que cresceram assistindo a filmes do Rambo foram para a Ucrânia combater russos. Um deles já voltou correndo. Outro, por ora, faz selfies bem longe dos combates.

Eterno Orlando Brito

Exemplo do profissionalismo incansável do saudoso fotógrafo Orlando Brito: Numa CPI em 2007, ele foi a todas as sessões presenciais do advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, e o registrou. Depois, o presenteou com as imagens.

Filho de Brasília

Dom Marcony Vinicius Ferreira foi nomeado pelo papa Francisco o arcebispo militar do Brasil. Cresceu com pioneiros da capital na Vila Planalto, foi o primeiro padre nascido e ordenado em Brasília.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

BRASIL

Vergonha nacional. Após quatro anos e cinco delegados, quem mandou matar Marielle Franco ainda está impune

Passaram-se quatro anos de um crime político, passaram cinco delegados pelo caso, passaram declarações e mais declarações de autoridades com palavras atiradas ao ar, mas não passaram a saudade e a dor de amigos e familiares nem a saudade e a indignação dos brasileiros que prezam o Estado de Direito — e sempre apoiaram a ex-vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco em sua ampla luta por democracia racial e social. Ela foi assassinada em 14 de março de 2018, juntamente com o seu motorista, Anderson Gomes. Na segunda-feira passada, data exata dos quarenta e oito meses das execuções, houve novos protestos em diversas capitais do Brasil e também em Brasília. Presos estão os ex-PMs Ronnie Lessa (executor) e Élcio de Queiroz (dirigia o carro para o atirador). **No Rio de Janeiro, o governador Cláudio Castro recebeu parentes de Marielle e prometeu empenho nas investigações. Tudo bem, governador, fica combinado: se o mandante ou os mandantes não forem presos em quatro meses (boa proporção para quatro anos), também o senhor entra no rol dos que somente passaram no tempo**.

HOMENAGEM Ato realizado pelo Instituto Marielle Franco, no espaço cultural Circo Voador, no Rio de Janeiro: luto e indignação

LUCIDEZ CRÍTICA Arendt: dela, FHC herdou a teoria que faz da memória a garantidora de regimes não totalitários

LIVROS

Noventa aulas de FHC sobre democracia

Desembarca na livrarias, no próximo mês, um livro essencial para diversos países nos dias de hoje (incluído o Brasil). Trata-se de O gesto e a palavra: escritos em defesa da democracia*, do ex-presidente da República e sociólogo Fernando Henrique Cardoso (hospitalizado devido a uma lesão no fêmur). A obra reúne noventa artigos publicados no vasto período que compreende de 1972 a 2021 – ou seja, do auge da repressão da ditadura militar com Emílio Garrastazu Médici até o lastimável e inútil governo atual de Jair Bolsonaro. A editora é Companhia das Letras. Uma passagem do livro, na mais pura metodologia da pensadora Hannah Arendt:*

• *“Toda vez que me vêm à memória os dias de incertezas e de medo da ditadura, penso que o compromisso da minha geração é o de não esquecer. Cada um de nós carrega cicatrizes, uns na carne, outros na alma. E uma responsabilidade: assegurar que nada disso se repita”.*

NOVA OBRA *O gesto e a palavra*: FHC mais sociólogo, menos político

FOTOS: ALEXANDRE CASSIANO; FRED STEIN ARCHIVE/ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES; DIVULGAÇÃO

MONTAGEM Partes do monumento: faltava o aval da Justiça

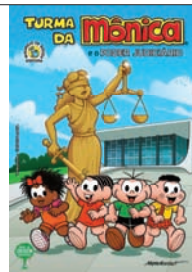
RELIGIÃO

A estátua de Nossa Senhora que será maior que o famoso Cristo Redentor

O Tribunal de Justiça de São Paulo decidiu que uma monumental estátua de Nossa Senhora Aparecida, com cinquenta metros de altura, poderá ser instalada na cidade paulista de Aparecida. Na verdade, muitas de suas partes já estão prontas, e aguardava-se apenas a determinação judicial para dar-se início à montagem. Será ela uma das maiores do Brasil, ultrapassando a do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, que possui trinta e oito metros. Esse novo monumento, em Aparecida, será somente menor em seis metros se comparado ao de Santa Rita de Cássia, localizado na cidade potiguar de Santa Cruz. O caso de Aparecida foi levado à Justiça pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Cabem recursos judiciais em relação à decisão do Tribunal paulista.

JUSTIÇA

A boa idea do STF com a Turma da Mônica

A idéia não poderia ter sido melhor. O Supremo Tribunal Federal está lançando revista em quadrinhos com a Turma da Mônica, criada pelo genial Maurício de Sousa, para ensinar crianças e adolescentes sobre o funcionamento da Justiça e o indispensável combate à desinformação e à onda atual de fake news. Os exemplares serão enviados às Secretarias de Educação de todos os estados brasileiros. Elas, por sua vez, os encaminharão às escolas. Além da revista (impressa e digital), há vídeos e tirinhas para as redes sociais. Tudo foi produzido nos Estúdios Maurício de Sousa e a iniciativa conta com patrocínio de associações de magistrados de todo o País

POLÍCIA FEDERAL

Virou bagunça: dorme-se diretor, acorda-se exonerado

A Polícia Federal deve cuidar melhor de sua imagem e parar com esse vaivém de cargos. Está desmoralizando a instituição — ela não existe para satisfazer desejos do Poder Executivo, mas, sim, como instituição republicana do Estado. Mais uma troca na semana passada: o novo diretor-geral, Márcio Nunes de Oliveira, afastou Luis Flávio Zampronha e colocou Caio Rodrigues Pellin na coordenação do setor de Investigação e Combate à Corrupção. É nele que se apuram fake news e atos antidemocráticos. Agora cabe a Pellin investigar Carlos, Flávio e Jair Bolsonaro. É esperar para ver. Nunes é o quinto-diretor-geral em três anos de gestão bolsonarista.

FOTOS: ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Márcio Allemand (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Eduardo de Freitas Filho, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Taísa Szabatura e Valéria França
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, Alessandro Martins, André Ruoco, Heitor Pires, Jade Lourenção, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira, e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora)e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 **– CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 **– INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA**. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

O PESO DE Alckmin

O ex-governador se une ao **adversário histórico** para moderar a imagem de Lula, repetindo **manobra** do petista em 2002. Depois de deixar o PSDB, o paulista deseja ter **protagonismo** num eventual governo petista e mira o **meio ambiente**

Germano Oliveira, Marcos Strecker e Marcio Allemand

Os vices são um problema político no Brasil desde o nascimento da República. Floriano Peixoto e João Goulart protagonizaram papéis cruciais em momentos de instabilidade. Após a redemocratização, que teve dois impeachments, três dos cinco vices assumiram a Presidência acusados de tramarem contra os titulares ou de romperem com os grupos que os elegeram. No atual governo, o vice Hamilton Mourão é tratado como inimigo pelo bolsonarismo desde os primeiros dias de gestão.

Assim, é surpreendente que o atual líder nas pesquisas, o ex-presidente Lula, tenha escolhido exatamente um adversário histórico para compor sua chapa nas eleições daqui a sete meses. Seja uma jogada de mestre ou manobra temerária, a adesão de Geraldo Alckmin à candidatura do petista na prática mudou o cenário eleitoral. Esvaziou a terceira via e enfraqueceu o PSDB, que rivaliza com o PT no campo da centro-esquerda desde os anos 1980. Quatro vezes governador e candidato a presidente em duas ocasiões, Alckmin acaba de se desligar da antiga legenda para se filiar no final do mês ao PSB. O movimento, como era previsto, decepcionou antigos aliados e também criou problemas para as principais lideranças petistas, já que a grande maioria dos filiados vê o ex-governador como um inimigo dos movimentos sociais abrigados no PT.

Lula, no entanto, ignora essa chiadeira, repetindo o gesto que tomou em 2002, quando escolheu para vice o empresário José Alencar (PL), morto em 2010, o que serviu como passaporte para o partido se aproximar da classe média e

ERRO BRUTAL Para o deputado Rui Falcão, a presença de Alckmin na chapa pode desmobilizar a militância e reviver o fantasma da traição do vice

NOVOS ALIADOS
Alckmin sempre teve Lula como adversário histórico, mas hoje o ex-tucano segue os passos do petista

dos empresários, fator que acabou sendo decisivo para a vitória naquele ano contra o PSDB de José Serra e FHC. O líder petista, inclusive, pretende encerrar de vez essa polêmica no próximo dia 9, quando deve realizar um grande ato público na avenida Paulista para o lançamento de sua candidatura, com festa popular e artistas que o apoiam. O ex-tucano terá lugar de destaque ao seu lado no alto do carro de som que animará o evento.

"Essa aproximação faz a gente lembrar das eleições de 2006, quando Alckmin perdeu o pleito para Lula", diz Marcia Dias, professora da UNIRIO. Entre as vantagens, dá uma contrapartida religiosa aos eleitores evangélicos de Bolsonaro e aproxima o eleitor mais conservador do petismo. Para a pesquisadora, Alckmin deseja ter projeção nacional e sua participação na chapa permite que Lula seja "ainda mais de esquerda na hora de falar para o seu eleitor, uma estratégia política bem pensada que a gente não sabe se vai dar certo", afirma. Além de convencer a sociedade de suas intenções, Lula precisará lidar com o público interno. Assim como em 2002, dará um recado duro aos petistas que rejeitam Alckmin. Deverá fazer um pronunciamento em reunião do Diretório Nacional do PT, o que previa fazer no dia 18, em São Paulo, para deixar claro que o partido deve tomar de forma unânime a decisão de abraçar o ex-tucano. Há 22 anos, Lula chegou a ameaçar não ser candidato caso o PT vetasse a coligação com o PL de Alencar.

Um dos que lideram o movimento contra Alckmin é o deputado Rui Falcão, ex-presidente nacional do PT. "É um erro estratégico brutal", disse. Ele considera que a presença do ex-tucano pode desmobilizar a militância e também saca um argumento de peso: o risco de "traição", que o MDB de Michel Temer já teria cometido contra Dilma Rousseff em 2016. Essa ponderação, no entanto, não tem sensibilizado Lula. Ele não demonstra ressentimento e tem conclamado os líderes emedebistas a apoiarem sua candidatura, incluindo o senador Renan Calheiros e outros dirigentes de peso da legenda, como José Sarney. "Alckmin tem estatura política", diz Lula, que confia no ex-governador. Para diminuir o risco de "conspiração", o petista já lhe prometeu um ministério, provavelmente o da Agricultura, para que Alckmin não tenha função meramente burocrática, como tinha Temer. Cientistas políticos consideram que o desejo hegemônico do PT, que escanteou os aliados no governo Dilma, foi exatamente um dos gatilhos do impeachment.

Mas os petistas mais radicais continuam a pressionar Lula, testando as deter-

BICADAS NO NINHO Doria evita criticar Alckmin, mas faz ressalvas:"Eu jamais me associaria a um ladrão"

minações do ex--presidente. A costura envolve outros partidos. Um dos que mais pressionam o petista é o coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, Guilherme Boulos (PSOL), que deseja ser candidato ao governo de São Paulo (Lula tenta demovê-lo para privilegiar Fernando Haddad). Quando lhe dizem que Alckmin poderá ajudar o petista na governabilidade, o líder sem-teto pergunta: "Quantos deputados o Alckmin tem no Congresso? Nenhum". E completa:"Pega a bancada do PSDB no Congresso, que já é bastante diminuta hoje. Quantos respondem ao Alckmin?"

CASSETETE NOS SEM-TETO

"Os eventuais incômodos dentro do PT foram muito tímidos. Ocorreram manifestações quase pessoais", avalia Rafael Cortez, cientista político da FGV e sócio da Tendência Consultoria. Ele considera que Alckmin favorece Lula pois reduz a percepção de risco associada ao petista e "faz com que o PT não precise fazer concessões em termos programáticos". O ex-presidente explica que deseja se aproximar do centro para ampliar seu apoio na sociedade, afastando a visão de que é candidato da extrema esquerda radical.

Depois de se beneficiar com a anulação das sentenças que o fustigaram e o levaram à prisão, Lula diminuiu sua rejeição e sonha até em ganhar no primeiro turno. Mas sua campanha tropeçou com o apoio a ditadores amigos, como o nicaraguense Daniel Ortega, e também com as dúvidas sobre uma eventual volta à política econômica nacionalista, com populismo e ataque às privatizações. Nesse aspecto, Alckmin seria o maior avalista de que a iniciativa privada poderá ter participação maior em seu governo. Boulos e Falcão expressam a rejeição a essa tese. "Na periferia, as pessoas querem ter um vice com outra trajetória, que não tenha uma concepção neoliberal e que não defenda as privatizações", disse Falcão. Já Boulos lembrou que Alckmin, quando era governador, liderou a maior repressão da história contra os sem-teto que ocuparam uma área conhecida como Pinheirinho, em que centenas de trabalhadores foram desalojados à base de cassetetes. As críticas também partem da Fundação Perseu Abramo, presidida pelo ex-senador Aloizio Mercadante. Em documento de 89 páginas, a entidade lembra que Alckmin governou São Paulo de 2001 a 2006 e de 2011 a 2018, períodos em que "adotou políticas neoliberais e ampliou as desigualdades sociais, concentrou renda, riqueza e propriedade, além de sucatear os serviços públicos".

Na ala moderada do petismo, há lideranças que compreendem o jogo de Lula. O prefeito de Araraquara, Edinho Silva, ex-presidente do PT de São Paulo, acha que a disputa este ano se dará entre a democracia e o autoritarismo representados por Bolsonaro. "Apesar das contradições, é hora de buscarmos muito mais o que nos une do que aquilo que nos separa", resume. Pensamento semelhante têm petistas históricos como o ex-governador Tarso Genro e os senadores Paulo Paim e Humberto Costa. Lula não está pensando

ENCRUZILHADA Edinho Silva acha que Alckmin pode ajudar o PT a vencer a luta da democracia contra o autoritarismo

só na eleição, mas depois do pleito também, concorda Paulo Baia, sociólogo e professor da UFRJ. "O sentimento antipetista ainda é muito forte. Essa aliança é uma estratégia bem parecida com a do Lulinha Paz e Amor de 2002, embora o cenário não seja o mesmo", diz.

CASSETETES Boulos não esquece que foi o ex-governador que mandou reprimir os sem-teto pela invasão de um terreno em São Paulo

PAPEL EM ÁREA VITAL

Alckmin se agarra como pode nessa aliança, pois deve ser seu último ato na política nacional. Ele amargava o ostracismo desde que sofreu uma derrota humilhante na eleição presidencial de 2018, quando fez apenas 4,7% dos votos. Encara a nova fase como uma hábil volta por cima. Não deseja ser um vice decorativo. Além de atuar como ponte entre os extremos para diminuir a polarização no País, deseja ter protagonismo em alguma área estratégica. Cogita (a exemplo do atual vice, Hamilton Mourão) ter alguma responsabilidade na área ambiental, que é relevante para os acordos comerciais e para a inserção internacional do Brasil. Para encarnar o novo papel, tem procurado multiplicar encontros com lideranças progressistas em seus tradicionais encontros em padarias pela capital paulista. Tomou cafezinho com o vereador Eduardo Suplicy, com o sacerdote de candomblé Diego Aira e com a influencer e ex-BBB Ariadna Arantes, representante da comunidade trans. É um reposicionamento importante para um político que sempre foi ligado à direita do seu antigo partido, identificado com a Igreja Católica e sua ala mais conservadora, a Opus Dei.

O contorcionismo ideológico será grande. Alckmin sempre teve uma militância histórica de combate ao PT e, especialmente, a Lula, a quem responsabilizou pelo mensalão, em 2005, e pelo petrolão, em 2014. Por isso, muitos classificam essa mudança, numa escala inédita até para a volúvel política nacional, como um mero casamento de conveniências. Os problemas vão aparecer durante a campanha. Circulam entre ex-aliados vídeos em que ele faz críticas contundentes a Lula por liderar o processo de corrupção no qual o PT mergulhou. Essas peças, certamente, serão usadas no horário eleitoral contra o petista. Também há os problemas na Justiça do ex-governador. Um executivo da Ecovias afirmou em delação recém-divulgada que Alckmin recebeu R$ 3 milhões em caixa 2 em suposto cartel entre concessionárias de rodovias paulistas — a Justiça Eleitoral arquivou o inquérito e o ex-governador nega.

"Os eventuais incômodos dentro do PT foram muito tímidos"

Rafael Cortez, cientista político da FGV

Essa acusação já provocou uma reviravolta na política paulista. Os petistas passaram mais de 20 anos atacando Alckmin e os tucanos por supostos desvios na gestão estadual. Agora, passaram a defender o ex-governador, como fez o deputado Paulo Teixeira. Lula não transparece preocupação. Pretende exibir na TV o que considera um "salvo conduto para o crime", que foram as decisões judiciais em que ministros do STF anularam as sentenças da Lava Jato nas quais foi condenado.

Mais do que tudo, o cavalo de pau ideológico de Alckmin serviu para provocar uma cisão na centro-direita, especialmente no PSDB. O presidenciável tucano, João Doria, não quer polemizar com o político que o lançou na carreira pública, em 2016. Mas também não deixa passar em branco as incoerências do amigo. "A decisão de Alckmin de deixar o PSDB e se unir a Lula é uma questão de foro íntimo, mas eu jamais me associaria a um ladrão", disse o governador paulista à ISTOÉ. E deixa claro que amigos, amigos, política à parte."Se o ex-governador for realmente o vice de Lula, combaterei os dois na campanha e serei duríssimo nesse enfrentamento", complementou.

Lula engendrou uma eficiente estratégia de solapar a terceira via. O petista estaria fazendo um jogo combinado com o PSD do ex-ministro Gilberto Kassab para dificultar o fortalecimento das candidaturas de Doria e de Sergio Moro (Podemos). Kassab foi um dos maiores incentivadores da desfiliação de Alckmin do PSDB e contava com ele no PSD. Mas o ex-tucano preferiu se aliar ao PSB. A tática agora é atrair outra estrela do ninho tucano: o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, lançando-o pelo PSD. A candidatura de Leite, definitivamente, dividiria os votos do campo centrista e colocaria Lula em situação confortável para enfrentar Bolsonaro, o oponente dos sonhos do petista. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO; MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS; ANDRESSA ANHOLETE/AFP

A velha guard

Um grupo de políticos acostumados com a proximidade dos mais altos escalões do poder pretende disputar as eleições de 2022. Eles já poderiam estar aposentados com mais de 65 anos, mas mantêm o apego pelos cargos

Eudes Lima

Há uma movimentação interessante nos bastidores da política. Medalhões que pareciam estar condenados ao ostracismo planejam a volta por cima. E um recorte ainda mais específico é a idade. Todos com mais de 65 anos, ou seja, poderiam facilmente se render aos encantos da aposentadoria, mas pretendem ir às ruas para reconquistar a simpatia dos eleitores. O fascínio pelo poder fala mais alto. O fato é que alguns nomes estavam adormecidos, mas outros se mantêm ativos mesmo sem terem cargos públicos. A voz de quem tem muita bagagem ainda é um capital público valorizado.

Filha do ex-presidente Sarney, Roseana (MDB) sonhou alto e quase disputou a Presidência em 2002. Desistiu depois de um escândalo que envolvia seu marido, Jorge Murad. Aos 68 anos, ela pretende voltar pela porta da Câmara, embora lidere as pesquisas para o governo do Maranhão, cargo para o qual foi derrotada em 2018. A dinastia Sarney tem tudo para continuar no poder.

Ainda réu pela acusação de ter recebido propina na Refinaria de Pasadena (EUA), Delcídio do Amaral (PTB) também quer voltar como deputado federal. O ex-senador foi preso e perdeu o mandato em 2016. Tentou voltar em 2018, mas perdeu o pleito para senador por Mato Grosso do Sul. Convertido ao bolsonarismo, Delcídio, que tem 67 anos, se apoia no pragmatismo e já passou por PSDB, PT e PTC.

Outro que pretende dar um passo atrás para poder retornar à vida pública é Eunício de Oliveira (MDB). Após perder a disputa ao Senado pelo Ceará em 2018, o alvo agora é o cargo de deputado federal. Com 69 anos, Eunício é um articulador astuto em um estado que tem forte influência da centro-esquerda, como o PT e o PDT, grupos por onde o emedebista transita com facilidade.

No Rio Grande do Norte, o ex-governador Garibaldi Alves (MDB) lidera as pesquisas para o Senado, Casa onde já atuou, mas está envolvido em negociações que privilegiam o governo do Estado. Ele perdeu a tentativa de reeleição em 2018 e com apenas uma vaga a candidatura é muito arriscada. Aos 75 anos, ele prefere concorrer pa-

Eunício de Oliveira
Modesto, pretende se candidatar a deputado federal

Roberto Requião
Filiado ao PT, ele tem a tarefa de abrir palanque de governador para Lula

Delcídio do Amaral
Convertido ao bolsonarismo será candidato à Câmara Federal

a quer voltar

ra deputado federal e abrir caminho para o seu filho, deputado Walter Alves, que será candidato a vice-governador.

Ambicioso, Romero Jucá (MDB), está acostumado com a proximidade do mais alto escalão do poder no Planalto. Foi líder do governo de FHC, Lula e Dilma, além de ministro do Planejamento de Michel Temer. Depois de três mandatos consecutivos no Senado, ele perdeu em 2018 e mantém o sonho de voltar à Casa Legislativa. Aos 67 anos, Jucá terá dificuldade de recuperar o prestígio em Roraima.

Ávido pelo poder e aos 81 anos, Roberto Requião (PT) quer um quarto mandato de governador no Paraná. Ele foi um político símbolo do MDB no estado, mas tem a missão de prover um palanque a Lula. O favorito no estado é o atual governador, Ratinho Júnior, que está alinhado ao presidente Bolsonaro. Por sua vez, Amazonino Mendes tem uma predileção pelo executivo: foi três vezes prefeito de Manaus e outras três governador do Amazonas. Talvez, por isso, ele não pretenda disputar outro cargo. Questionado se iria continuar na política, inclusive por conta do alto dos seus 80 anos, Amazonino disse que: "só quem pode me aposentar é Deus". Ele perdeu a disputa para o atual governador, Wilson Lima, em 2018, mas hoje lidera as pesquisas.

A nova política não deu conta do recado e as figurinhas repetidas articulam o retorno para o poder no País

Ainda pretendem voltar nomes como os presidentes de siglas Valdemar Costa Neto (PL) e José Maria Eymael (PSDC). Costa Neto, com 72 anos, abriga o presidente Bolsonaro e teria um retorno reabilitador, provavelmente como deputado por São Paulo, depois de ter sido preso. José Maria Eymael tem uma tarefa mais árdua e será candidato à Presidência. Ele está com 82 anos e contesta as pesquisas porque seu nome não aparece.

Há um vácuo histórico e uma promessa que não foi cumprida no último período. A nova política e a juventude, infelizmente, não deram conta do recado. Episódios como os protagonizados por integrantes do MBL com a defesa de partido nazista e misoginia na Ucrânia, e até mesmo o confronto entre duas vereadoras do Partido Novo na Câmara de São Paulo, mostrou a fragilidade da inexperiência. A cientista política, Juliana Fratini, analisa que essas figuras experientes pertencem a clãs históricos ou lideranças responsáveis por formar tradições. "Possuem conhecimento institucional e sabem como garantir as verbas para as próprias campanhas, que hoje conta com o valor mais alto de todos os tempos: R$ 4,9 bilhões". Juliana lembra que eles podem retomar o espaço dos outsiders, mas precisam "calibrar a narrativa para públicos mais amplos", especialmente por conta das novas mídias. ■

Roseana Sarney
Liderando pesquisa para o governo do Maranhão, prefere ser deputada

Amazonino Mendes
Não abre mão da disputa para governador no Amazonas

Romero Jucá
Sonha com a volta ao Senado por Roraima, seria o quarto mandato

FOTOS: REPRODUÇÃO; EDUARDO MATYSIAK/FUTURA PRESS/FOLHAPRESS; CHICO RIBEIRO/FOLHAPRESS; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

Para manter a guerra cultural em alta e tentar alavancar sua popularidade, governo mira em um filme de 2017 para atiçar a militância e esconder os reais problemas do País

Felipe Machado

TENTATIVA DE CENSURA

ALVO
Danilo Gentili, ex-aliado e vítima dos novos ataques bolsonaristas: em resposta a Mário Frias, ele publicou cena da novela em que o personagem do secretário agride mulheres

O governo de Jair Bolsonaro é um deserto tão vasto de ideias e propostas, que só resta a seus ocupantes atiçar a militância por meio de uma constante guerra cultural, sem qualquer benefício efetivo para o povo brasileiro. A falta de bom senso é tão evidente que a nova investida feita pela ala mais radical do bolsonarismo não é sequer uma novidade, mas um filme lançado em 2017. O alvo da vez é *Como se Tornar o Pior Aluno da Escola*, comédia estrelada por Fábio Porchat e inspirada no livro homônimo do humorista Danilo Gentili, que também atua no longa. Disponível nas plataformas de streaming Globoplay, Netflix, Google, Amazon e Apple, a produção traz uma cena em que o personagem de Porchat, um vilão, pedófilo, assedia sexualmente dois menores.

Após o assunto ser disseminado pelas redes sociais, estratégia geralmente associada ao chamado gabinete do ódio, ligado ao Palácio do Planalto, o secretário especial da Cultura, Mário Frias, entrou na briga com um post nas redes sociais: "R$ 3 milhões de dinheiro público foram investidos para financiar apologia à pedofilia travestido de humor", afirmou. A referência à verba estatal diz respeito ao uso de R$ 3,2 milhões por meio de leis de incentivo previstas no Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). "Molestamento e pedofilia não é humor, não é piada e muito menos liberdade de expressão", completou. Enquanto a retórica bolsonarista estava restrita às redes sociais, seria apenas mais combustível para a polêmica vazia. Isso, porém, não foi suficiente para o ministro da Justiça e da Segurança Pública, Anderson Torres, cujo cargo não lhe impediu de atentar contra a Constituição apenas com o objetivo de agradar o presidente Bolsonaro: Torres exigiu

FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO; MATEUS BONOMI/AGIF VIA AFP

que as plataformas retirassem o conteúdo do ar, sob pena diária de R$ 50 mil. É chocante que o ministro da Justiça não conheça as leis do País, uma vez que a censura iria contra o inciso 9 do artigo quinto da Constituição, que garante a liberdade de expressão. O Ministério da Justiça já havia feito a classificação indicativa do longa em 2017, recomendando que ele não fosse visto por menores de 14 anos.

Para completar a confusão institucional e explicitar ainda mais o caráter ideológico da decisão, a tentativa de censura partiu de um órgão sem nenhuma relação com a área, a Secretaria Nacional do Consumidor. O novo secretário, Rodrigo Roca, tem um currículo invejável para os padrões bolsonaristas: defendeu militares acusados de tortura, entre eles o general Carlos Alberto Brilhante Ustra, ídolo do presidente, e é ex-advogado de Flávio Bolsonaro no caso em que o senador é acusado de ter praticado rachadinhas em seu gabinete.

OBEDIÊNCIA Mário Frias, secretário de Cultura: "filme faz apologia à pedofilia"

"Assim que tomei conhecimento de detalhes asquerosos do filme, determinei que os vários setores do ministério adotem providências cabíveis para o caso"
Anderson Torres,ministro da Justiça

Como as empresas se recusaram a cumprir a decisão inconstitucional de retirar o filme de suas plataformas, restou ao governo alterar a classificação indicativa de 14 para 18 anos e sugerir que ele só seja exibido na TV aberta após as 23 horas. Mesmo assim, a pasta atropelou processos internos: esse tipo de avaliação, que costuma levar 30 dias, foi feito em 24 horas. O resultado foi o contrário do que esperavam: *Como se Tornar o Pior Aluno da Escola* apareceu entre as três atrações mais vistas da Netflix.

Em resposta, Danilo Gentili, ex-bolsonarista e hoje apoiador de Sergio Moro à Presidência, publicou uma imagem de Mário Frias na novela *Mutantes*, da RecordTV, em que seu personagem agride uma mulher. "Que cena horrível que incentiva a violência contra as mulheres. Isso passou em TV aberta? E se uma criança assiste? Deveríamos censurar?", provocou. Já Fábio Porchat abusou da ironia: "Marlon Brando interpretou o papel de um mafioso que mandava assassinar pessoas. Renata Sorrah roubou uma criança da maternidade e empurrava pessoas da escada. Regiane Alves maltratava idosos. Mas era tudo mentira, tá, gente? Essas pessoas na vida real não são assim", afirmou, ao jornal "O Globo". Enquanto os brasileiros sofrem com diversos problemas, seria mais útil se o governo perdesse menos tempo com cortinas de fumaça, olhando mais para a realidade e menos para a ficção. ■

VILÃO
Fábio Porchat, no papel do personagem que gerou polêmica: ator ironizou a incapacidade do governo de diferenciar a realidade da ficção

CRÍTICA
Daniel Pimentel: "Tirar das plataformas é censura, né? E censura no século 21 é retrocesso", criticou o ator nas redes sociais

ACERVO Importantes documentos do período da ditadura militar podem estar se perdendo por falta de investimentos no Arquivo Nacional

Apagando a história

Servidores do **Arquivo Nacional**, onde está o maior volume de **documentos da época** da ditadura militar, denunciam que a instituição está **abandonada** e arquivos podem estar **sendo apagados**

Marcio Allemand

Boa parte da memória do País pode estar correndo o risco de se perder porque o Arquivo Nacional, guardião do maior volume de documentos da época da ditadura, está sendo abandonado pelo governo. Desde que Bolsonaro assumiu, teve início uma sucessão de ataques à instituição, entre eles a publicação do Decreto 10.148 de 2019, que institui a Comissão de Coordenação do Sistema de Gestão de Documentos e Arquivos da administração pública federal e tirou atribuições importantes do Arquivo Nacional. O decreto passou a considerar que os órgãos do executivo federal têm autorização prévia para eliminar documentos sem a necessidade de submetê-los a qualquer tipo de análise técnica.

Para o historiador Paulo César Gomes, é muito preocupante o que está se passando no Arquivo Nacional, cujo atual diretor, Ricardo Borba D'água, nomeado em novembro do ano passado, não tem qualquer familiaridade com documentação e arquivos. "Em seu currículo consta que ele é ex-funcionário do Banco do Brasil e que pratica tiro esportivo, sem a menor experiência na área de memória da história do País", conta. Paulo César disse que há uma censura velada dentro da instituição e que o interesse do governo é esvaziar tudo o que seja ligado à documentação dos anos de chumbo da ditadura militar. Ele informou que uma carta aberta com mais de 600 assinaturas de profissionais das mais variadas áreas foi enviada aos membros do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), também presidido por Borba D'água. "Ele leu e não deu nenhuma resposta pública", informou.

A reportagem da ISTOÉ conversou com alguns servidores de carreira do Arquivo Nacional que pediram para não serem identificados, pois, segundo eles, a perseguição interna tem sido grande. Os servidores disseram que, diferente do que

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; BIA SOARES/DIVULGAÇÃO

foi divulgado recentemente, nenhum documento do Arquivo Nacional foi apagado e que os arquivos continuam disponíveis. "O que aconteceu, e que gerou certa confusão, foi uma decisão do TRF-5, que obrigou que o nome do coronel do Exército Olinto de Souza Ferraz fosse tarjado cada vez que aparecesse nos arquivos. Isso causou uma preocupação não só pela ação em si, mas precedente que pode abrir para que haja censura", informou um deles.

"Um dos sinais de enfraquecimento é o que acontece com o projeto Memórias Reveladas, desativado desde 2017" "

Lucas Pedretti, historiador

Outra servidora disse considerar muito improvável que documentos que estejam sob a guarda do Arquivo Nacional sejam apagados. "Alguns documentos são descartados, mas há critérios, passam por uma análise de uma comissão", afirmou. Para ela, o que mais preocupa são as movimentações internas, os servidores que vêm sendo realocados e o aparelhamento político da instituição, coisa que nunca havia acontecido por lá, e que começou ainda durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, quando o ex-diretor do Arquivo Nacional, Jaime Antunes da Silva, foi exonerado depois de mais de 20 anos no cargo.

PROJETOS ABANDONADOS

Para o pesquisador e historiador Lucas Pedretti, um dos maiores sinais de enfraquecimento do Arquivo Nacional é o que vem acontecendo com o projeto Memórias Reveladas, que é um centro de referência de memória política do Brasil, criado em 2009 para lidar com o tema dos arquivos da ditadura. A ausência de novos projetos realizados no âmbito do Memórias Reveladas desde 2019 chama a atenção. De lá para cá, houve uma queda no orçamento do projeto cuja uma das suas iniciativas mais importantes é o Prêmio de Pesquisa Memórias Reveladas, que tinha um edital bianual e premiava três trabalhos científicos realizados a partir da documentação da ditadura. Houve quatro edições desse prêmio. "O último edital foi em 2017 e havia a previsão de um edital em 2019. Já estamos em 2022 e não houve mais edital algum e nem justificativas por parte do Arquivo Nacional para que não fossem realizadas novas edições do prêmio", disse o historiador.

Para Pedretti, esse é um indicativo bastante claro de que não há interesse da parte do governo de promover políticas de memória ou reparação em relação ao período da ditadura. O historiador, que foi um dos premiados no edital de 2017, diz que a publicação deveria ter ficado pronta no final do ano retrasado e até agora nada aconteceu. "Começamos a denunciar isso em meados do ano passado, ainda antes da troca de diretor, e agora há um indicativo por parte do arquivo de que tudo será publicado, mas nada chegou às nossas mãos ainda. Sem dúvida há um claro esvaziamento do projeto".

O ex-diretor do Arquivo Nacional, Jaime Antunes, que ficou mais de 20 anos à frente da instituição, lembra que o órgão já ocupou um lugar mais central na administração pública e que hoje perdeu esse lugar, assim como aconteceu com a Casa de Rui Barbosa e com a Funarte. "O que está acontecendo hoje afeta a questão da transparência do estado, assim como uma série de questões de administração pública. O Arquivo Nacional está vivendo uma enorme fragilidade institucional".

Para Antunes, o decreto 10.148 de dezembro de 2019 e que agora veio à tona tirou uma atribuição muito importante do Arquivo Nacional, pois garante que quem produz os documentos é quem define sobre sua eliminação. "Esse decreto dá atribuições aos órgãos que não têm a menor condição de executar tais atribuições, pois o servidor responsável agora pode ser qualquer um e não um técnico arquivista". Ele afirma ainda que na atual gestão do Governo Federal a regulamentação da Lei de Arquivos sofreu um duro golpe, que representa, no seu entender, um retrocesso na política de arquivos até então estabelecida. ■

DESORDEM
Sem qualquer análise técnica, funcionários têm autorização para eliminar documentos que guardam episódios da história brasileira

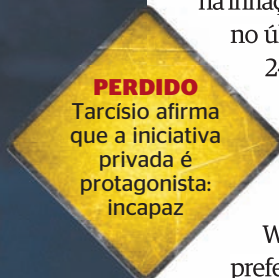
Estradas abandonadas

LAMAÇAL As cenas de vias intransitáveis se multiplicam pelo Brasil

Caminhões atolados por todo o País, buracos sem consertos e governo diminui investimento nas rodovias. Enquanto isso, Bolsonaro apresenta o ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas para disputar o governo de São Paulo

Eudes Lima

O problema do alto preço dos combustíveis não é o único que caminha pelas estradas brasileiras. Os motoristas também precisam se preocupar com a qualidade das rodovias federais que estão abandonadas e terão, em 2022, o menor investimento dos últimos 17 anos. Quem mais sente são os caminhoneiros que amargam queda nos rendimentos e estão mais expostos a acidentes por trajetos esburacados e atolados em todo o País. Alheio à realidade, o presidente da República escalou o ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, para ser candidato ao governo do Estado de São Paulo. O ex-capitão acredita que Tarcísio seja seu melhor representante para o povo paulista. É um bom retrato da qualidade dos ministros no governo federal.

Seriam necessários R$ 12,3 bilhões para fazer a manutenção preventiva e não piorar a malha viária pública, que já está muito ruim. No entanto, apenas R$ 4,2 bilhões estão empenhados no Orçamento. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) identificou que o montante de recursos utilizados nas rodovias públicas ficou sempre aquém do essencial no mandato de Bolsonaro. Em 2019, foram investidos R$ 7,5 bilhões, quando seriam necessários R$ 11,1 bilhões. Já em 2020, perante a exigência de R$ 12,2 bilhões, apenas R$ 7,3 bilhões foram gastos. Em 2021, seguiu-se a tendência e R$ 6 bilhões foram desembolsados frente aos R$ 12,4 bilhões que eram precisos.

FOTOS: REPRODUÇÃO; AMANDA PEROBELLI/REUTERS/FOTOARENA; ISTOCKPHOTO

PERDIDO Tarcísio afirma que a iniciativa privada é protagonista: incapaz

Parte dos cortes é atribuída à redução do orçamento da União, mas a política é mantida desde antes da pandemia. Tarcísio publicou na sua página no Twitter que: "O protagonismo da iniciativa privada está fazendo a diferença em prol da infraestrutura do Brasil". Foi um ato falho, mas ele está certo. A iniciativa privada tem administrado as melhores estradas do País. E as piores sofrem com um governo omisso. Contudo, a equação não é simples. Somente 15% das rodovias federais funcionam com administração de concessionárias e a previsão de entrada da iniciativa privada é de apenas mais 15%. Os outros 70% restantes não são atrativos o suficiente e não adianta o Estado se eximir da responsabilidade. O ministro deveria ser protagonista.

CUSTO DO TRANSPORTE

A logística brasileira está fundamentada na malha viária. Segundo estudo da Confederação Nacional do Transporte (CNT), 65% das mercadorias chegam por meio das rodovias. O transporte de pessoas é ainda mais expressivo e 95% dos passageiros utilizam o recurso. Já a pavimentação é de apenas 12,4% na extensão de 1.720.909 km. O impacto da negligência sai do bolso dos consumidores. O agronegócio, que mantém apoio ao mandatário, já reclama do aumento do custo dos transportes. Itens da cesta-básica sofrerão aumentos imediatos e consequentemente na inflação. O custo do frete aumentou 12% no último mês e só o óleo diesel subiu 24,9%, em média. Há ainda os custos de manutenção da frota que sucumbem ao desleixo das rodovias cheias de buracos.

O líder dos caminhoneiros Wanderlei Alves, Dedeco, como prefere ser chamado, contou à ISTOÉ sobre as dificuldades de transitar pelas estradas brasileiras. Ele diz que existem muitos buracos em todo o País e que a segurança dos profissionais está ameaçada. A ironia, segundo o motorista, é que em alguns trechos, como por exemplo do Mato Grosso ao Pará, "você sai do pedágio e cai dentro de um buraco". Dedeco não poupa críticas ao ministro e ao presidente e diz que o atual governo abandonou os caminhoneiros e acusa Freitas de "fazer uma campanha de marketing mentirosa". Ele se refere às propagandas do ministro nas mídias sociais. O prognóstico de Dedeco é que com a proximidade das eleições exista uma mobilização para paralisações no setor "uma hora ou outra esse País vai parar", afirma o caminhoneiro.

As dificuldades em gerir as estradas podem afetar a campanha de Tarcísio para o governo de São Paulo. O estado têm as melhores rodovias e a população tem grande apreço por esse patrimônio. Os adversários já identificaram esse ponto fraco e devem explorá-lo à exaustão. Também vão levar a conversa do botequim para o palanque eleitoral. O ministro é um torcedor fanático do Flamengo e a rivalidade futebolística entre os estados alimenta o deboche dos torcedores. Um governador paulista flamenguista é quase que uma heresia. É algo similar a um governador carioca preferir uma escola de samba paulista. Prestes a se desincompatibilizar do cargo no governo federal, o ministro está prestes a marcar mais um gol contra. ■

UMA CRATERA DE RETROCESSOS

R$ 12,3 BILHÕES é o valor necessário para a manutenção das estradas federais

R$ 4,2 BILHÕES é o orçamento previsto para 2022

R$ 19,93 BILHÕES foi o valor investido nas rodovias em 2011

12,4% das estradas estão pavimentadas no País

"O ministro Tarcísio de Freitas é mentiroso. Ele enganou uma parte dos caminhoneiros, mas ainda tem gente com vergonha na cara e uma hora ou outra esse País vai parar"
Dedeco, líder dos caminhoneiros

PRIVACIDADE EXPOSTA

Governo muda sistema de segurança digital, mas CGU aponta várias fragilidades no novo modelo que pode deixar os brasileiros mais expostos à vulnerabilidade de seus dados: portal gov.br não é seguro

Marcio Allemand

A transformação digital no Brasil, tão festejada por membros do governo Bolsonaro, pode se transformar numa enorme dor de cabeça, isso sim. Relatório da Controladoria-Geral da União (CGU), publicado no dia 1° de março, aponta fragilidades nos códigos-fontes dos aplicativos lançados pelo governo, o que permite franquear acesso a recursos dos equipamentos móveis, aumentando o risco do vazamento de dados dos usuários. O que isso significa? Que os brasileiros estão mais expostos do que nunca à vulnerabilidade do mundo digital e de terem seus dados disponibilizados aleatoriamente na Internet. Ainda mais agora em que ocorre uma espécie de parceria entre o governo e a Febraban para que os cidadãos possam acessar o portal gov.br por meio de sua senha bancária.

Para o diretor executivo de Inovação, Produtos e Serviços Bancários da Febraban, Leandro Vilain, a iniciativa da Secretaria Digital do Governo (SDG) permite ao cidadão, com um único login, ter acesso a todo portal do governo. Ele garante que o processo tem o mesmo nível de segurança que o usuário tem ao acessar o aplicativo do seu banco, mas na prática, o que acontece hoje é que qualquer brasileiro que seja correntista pode acessar o portal gov.br com a sua senha do banco e o governo não sabe o que fazer para proteger os dados dos cidadãos.

O portal gov.br surgiu no atual governo. Antes, a Dataprev tinha o portal cidadão.br, mas com a chegada da nova equipe econômica, liderada pelo ministro Paulo Guedes, a Dataprev foi obrigada a entregar toda a sua base de dados e o sistema foi rodar no Serpro. Detalhe: sem contrato. Surgia ali, então, a plataforma gov.br como integração de toda a base de dados da Dataprev e mais toda a base de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que tinha feito todo o processo de cadastramento biométrico dos eleitores. Esse foi o primeiro passo. O segundo passo foi colocar todos os ministérios também integrados à plataforma. O terceiro passo foi negociar com a Febraban a liberação, por pelo menos um ano, e de graça, à consulta aos dados do portal do governo. Desta forma, automaticamente, as instituições financeiras estão certificando os cidadãos no TSE e os bancos e o próprio governo, ao invés de terem um custo para saber se determinada pessoa é de fato aquela pessoa, vão direto na fonte, sem precisar pagar nada, e pegam os dados que bem entenderem.

BANCO DE DADOS Caio Paes de Andrade trabalha para evitar apagões de dados como o que aconteceu com o ConectaSUS

O primeiro banco a testar esse novo sistema foi o Banco do Brasil. Atualmente, um total de sete bancos estão cadastrados (BB, Bradesco, Caixa, Santander, BRB, Sicoob e Banrisul) e número de usuários que acessa com a senha bancária já passa dos 26 milhões,

FOTOS: ISTOCKPHOTO; LUIZ MICHELINI; REPRODUÇÃO

DESPROTEGIDOS
Palácio do Planalto centraliza todos as informações na plataforma gov.br e a CGU vê riscos de vulnerabilidade

o que significa dizer que essa é a base de dados de usuários na rede. O BTG, que já teve em seus quadros de principais acionistas o ministro Paulo Guedes, também está interessado nesse sistema, mas de acordo com a Febraban, seu cadastro ainda está pendente por questões jurídicas.

ISTOÉ ouviu técnicos que trabalham no atual governo que pediram para não serem identificados. Eles afirmaram que o governo não sabe o que fazer do ponto de vista de proteção porque seu maior interesse é privatizar e comercializar esses dados. O governo não está preocupado em proteger nada. Segundo eles, a proposta da SDG é digitalizar os serviços e isso significa captar o máximo de dados possível.

SEGURANÇA
Leandro Vilain, da Febraban, diz que o portal do governo é tão seguro quanto uma conta bancária

Há relatos de que, ainda na fase de transição do governo Temer para o governo Bolsonaro, o atual secretário Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital, Caio Mario Paes de Andrade (um dos fundadores do Grupo WebForce), na época o responsável pela área de TI do Governo, ao se deparar com uma realidade diferente da que imaginava, disse que, se preciso, mudaria a lei. Ele chegou com a convicção de empresário e se deparou com uma realidade de governo, que é bastante diferente. A verdade é que a equipe do governo tem um plano de meta e age como se estivesse numa empresa privada, passando por cima dos processos usuais, o que pode acarretar problemas como o que aconteceu recentemente com o ConectaSUS, que ficou 12 dias fora do ar. Nada nesse caso foi apurado, seja por negligência ou omissão. Daí, se nossos dados estão sendo usados pelo governo de maneira segura, pouco importa. E o relatório da CGU mostra exatamente isso.

Procurada, a SGD respondeu que a política pública brasileira de governo digital é extremamente bem-sucedida, tendo sido o Brasil reconhecido pelo Banco Mundial, em 2021, como 7º país com maior maturidade de governo digital do mundo e líder nas Américas. Já para Domingo Montanaro, perito em informática e professor da FGV no curso de proteção de dados. essa vulnerabilidade que a CGU verificou faz parte do mundo digital. “Seria muito melhor se todas as organizações tivessem um programa de desenvolvimento seguro, mas na prática poucas são as organizações que se preocupam com a segurança”, afirma. Para Montanaro, quando um cidadão usa um aplicativo ele acha que está numa plataforma segura, mas não é o que acontece porque nem todos os aplicativos contam com os pilares necessários de um programa de mitigação de risco cibernético. “É por isso que a gente vê tanto vazamento de dados públicos”, diz. ■

O RISCO DA TER

CEIRA GUERRA

Evento bélico global e nuclear deixou de ser um delírio apocalíptico para se tornar uma possibilidade cada vez mais real. Nervos à flor da pele e capacidade destrutiva se somam ao esgotamento da diplomacia, à humilhação das sanções econômicas à Rússia e levam o planeta para um buraco cada vez mais fundo

Denise Mirás e Vicente Vilardaga

FOTO: GRIGORY DUKOR/REUTERS

PODER MILITAR
Potências começam a afiar armas de guerra, pensando em conflito intercontinental

A Terceira Guerra Mundial deixou de ser um mero delírio apocalíptico para se tornar uma possibilidade cada vez mais real. Que não seja agora, pode ser em breve. Desde que o presidente russo Vladimir Putin, depois da invasão da Ucrânia, falou que “quem interferir levará a consequências nunca experimentadas na história” e, três dias depois, colocou suas forças dissuasivas nucleares em estado de alerta, os dedos das potências chegaram mais perto dos botões das bombas. O palco está armado para acontecer algo terrível. Na quarta-feira, 16, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky foi mais longe ao dizer que o pior está em andamento. “Talvez a Terceira Guerra já tenha começado. Nós vimos isso há 80 anos, quando a Segunda começou. Ninguém seria capaz de prever quando o conflito ganharia proporções mundiais e como iria acabar”, afirmou. As emoções claramente se acirram e grandes líderes trocam ofensas. O presidente americano Joe Biden chamou Putin de “criminoso de guerra” e o Kremlin reagiu dizendo que a fala do inimigo é “inaceitável e imperdoável”. Nervos à flor da pele e capacidade destrutiva se somam ao esgotamento da diplomacia e levam o mundo para um buraco cada vez mais fundo. Para os que não acreditam numa disputa militar mundial, resta a evidência de que a Guerra Fria se reinstalou para ficar, com sanções e banimentos, e desta vez parte do Oriente, com grande poder de fogo, deve se unir em torno da Rússia.

Na segunda-feira, 14, o secretário-geral da ONU, António Guterres, veio a público declarar que estava preocupado porque a guerra na Ucrânia podia descambar para um embate global, reforçando o temor geral da humanidade. “A perspectiva do conflito nuclear, antes impensável, está agora no campo das possibilidades”, disse. O assunto paira na mente de todos e indica cautela. “A Rússia detém armas nucleares e é muito importante que nós evitemos um terceiro conflito internacional”, afirmou Charles Michel, presidente do Conselho Europeu. A porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, confirmando que o assunto está em pauta, manteve o tom superior do governo americano e disse que a guerra mundial não vai acontecer porque os Estados Unidos não querem. “Não temos interesse em uma Terceira Guerra”, declarou. Passados vinte dias da invasão da Ucrânia, sem que arrefeçam os bombardeios, EUA e União Europeia apertam as sanções e a crise humanitária se agiganta. Na quarta-feira, 16, a Rússia propôs um cessar-fogo, desde que a Ucrânia aceite o status de país neutro e desista de se tornar membro da OTAN, que, por seu lado, trata de reforçar suas forças e redefinir a postura militar para a nova realidade no Leste Europeu. Enquanto isso, milhares de refugiados deixam o epicentro da guerra, cidades

CARESTIA
Alta de preços e falta de alimentos afetam a população da Ucrânia: economia em frangalhos

DESTRUIÇÃO
Rússia ataca cidades ucranianas sem trégua: acordo de paz ainda parece conquista distante

destruídas e saqueadas, onde não há mais água, alimentos, remédios e o frio é intenso. Mais um cenário de horror pode ser visto com o teatro bombardeado de Mariupol, que resistia com centenas de abrigados. Ainda na semana passada, Zelensky havia chamado a ameaça nuclear de "blefe" de Putin. "Uma coisa é ser um assassino. Outra é cometer suicídio", disse ao jornal alemão *Die Zeit*. Na quarta-feira, 16, depois de desacreditar de vez na filiação da Ucrânia à OTAN, apelou ao Congresso dos EUA por mais armamento, evocando os ataques a Pearl Harbor na Segunda Guerra e o ataque terrorista às Torres Gêmeas em 2001. Em resposta, Biden anunciou US$ 800 milhões (R$ 4 bilhões) em apoio à Ucrânia. O americano irá à cúpula extraordinária da OTAN no dia 24, em Bruxelas, e participará de reunião da União Europeia.

TENSÃO CONTINUA

Depois da abertura dos corredores humanitários, os últimos avanços nas negociações para colocar fim à guerra afunilaram em um plano de paz que inclui cessar-fogo e retirada de tropas russas se os ucranianos aceitarem um status de neutralidade para seu país, como é o caso de Suécia e Áustria; limites para suas forças armadas, que só poderiam atuar em seu território, protegendo a população, e desistência de se filiar à OTAN, sem abrigar tropas de fora, bases estrangeiras e armamentos em troca de proteção de EUA e aliados. O debate em torno de 15 pontos continua, com os ucranianos hesitando em aceitar ou acreditar nas propostas dos oponentes. Não abrem mão da retirada das tropas russas de regiões ao longo do Mar Negro e de Azov, além do entorno da capital Kiev. Os russos, porém, não pretendem deixar essas áreas tão cedo. A Ucrânia pode decidir ceder em alguns itens, a Rússia em outros, mas as diferenças tendem a prevalecer sobre os avanços. Mesmo que haja um acordo, ela não aliviará a tensão instalada, que é irrefreável.

O que poderia levar a uma Terceira Guerra? Dos fatores apontados por analistas, o principal deles diz respeito ao fechamento do espaço aéreo, insistentemente solicitado por Zelensky, segundo Roberto Menezes, do Instituto de Relações Internacionais da UNB. A resposta tem sido negativa, por parte da OTAN. Abater aviões russos que sobrevoassem a Ucrânia significaria intervir no conflito entre dois países que não fazem parte da aliança. Militarmente, a razão passaria a Putin que, por sua vez, poderia

"Talvez a Terceira Guerra já tenha começado. Nós vimos isso há 80 anos, quando a Segunda começou"
Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia

FOTOS: ALEXANDER ERMOCHENKO/REUTERS; DREW ANGERER/POOL VIA AP

acionar armas nucleares. Outro fator de risco seria os russos acertarem alvos em países membros da OTAN, porque não haveria alternativa a uma reação. Ficaram bem perto disso, como lembra Luciana Mello, professora de RI do IBMR-RJ, no bombardeiro do IPSC (centro de treinamento militar com voluntários e mercenários e porta de entrada de armamentos) em Yavoriv, a 25 quilômetros da fronteira com a Polônia. "Não dá para afastar a possibilidade de confronto nuclear. Avaliações de especialistas em política não previram os movimentos de Putin, enquanto o pessoal de campo dava a invasão como iminente. Nem as sanções econômicas levam a um recuo por parte dele", diz.

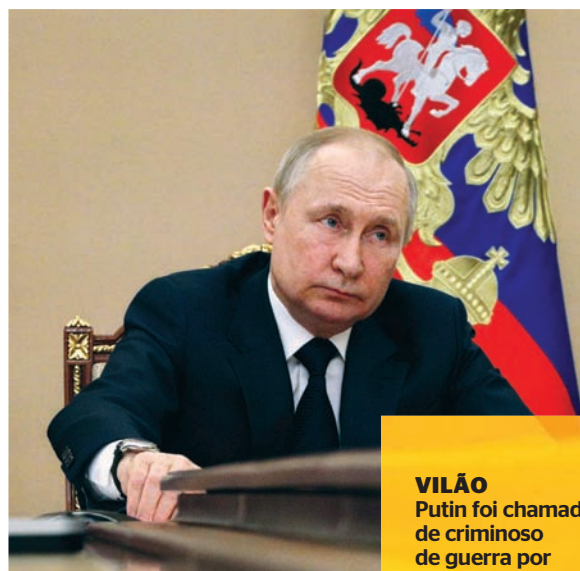
Mais uma porta para a terceira guerra pode ser aberta se o conflito entrar pelo território russo, "o que ninguém ainda está imaginando", nas palavras de Juliano Cortinhas, especialista em RI e professor-visitante da Universidade da Virginia, nos EUA. Ele leva ainda a questão do risco de uma Terceira Guerra para médio e longo prazos, que também poderia ocorrer com o isolamento total da Rússia e sanções durando muito tempo. "Vivemos em um mundo de interdependência, onde canais não são fechados — o gás russo continua abastecendo os alemães. Haverá risco enorme se isolarem completamente a Rússia. Foi esse caráter punitivo que, depois da Primeira Guerra, levou a Alemanha à Segunda. É um exemplo de paz mal construída, porque esse processo tem de ser inclusivo", explica. Com relação a armas táticas, que poderiam ser usadas dentro da Ucrânia, acredita-se que são cerca de 2 mil em posse dos russos. Podem ser levadas por lançadores em terra ou por mísseis, ou ainda disparadas por aviões e torpedos, no caso de um confronto submarino.

Mas o prolongamento da guerra também aparece como possibilidade, no entender de Luciana Mello, com os russos se utilizando de armas nucleares "em doses homeopáticas devastadoras". A OTAN se mantém em prontidão com 40 mil soldados concentrados na parte oriental da Europa. Caças americanos foram levados à Polônia e à Alemanha. E, além de carregamentos de armas, milhões de euros para compras de equipamentos foram disponibilizados para os ucranianos por parte de americanos e europeus. A questão, das mais complexas, é como entrar com esse armamento na Ucrânia.

BUSCA POR SAÍDAS

Menezes, da UNB, diz que historicamente a Rússia nunca se valeu de armas nucleares, respeitando acordos internacionais, como o Tratado de Não Proliferação, levado à ONU por americanos e soviéticos ainda em 1968. Com a dissolução da URSS no fim de 1991, o arsenal foi todo para a Rússia, com ogivas saindo de Cazaquistão, Ucrânia (onde houve desarmamentos feitos pelos britânicos). Da parte russa, nunca houve transferência de tecnologia nem ataques utilizando esse tipo de armas, lembra Menezes, e ainda foi assinado o START (Tratado de Redução de Armas Estratégicas), que é renovado a cada dez anos, para monitoramento e verificação dos dois lados. Os EUA de Donald Trump se retiraram do acordo em 2019, quando a renovação teria de ser feita em 2021, o que a Rússia segue cobrando. De toda forma, a capacidade de destruição dessas armas não fica apenas na quantidade, observa Menezes. Ricardo Lima, físico e consultor na área de energia, vê risco em um "desequilibrado" no comando de 6 mil ogivas nucleares "que fariam Hiroshima e Nagasaki parecerem brincadeira de criança, porque seu poder de destruição é dez vezes maior, impensável". Para ele, a força do dinheiro é uma das motivações para brecar a possibilidade de uma terceira guerra puxada por Putin — que também poderia contar com armas químicas e biológicas, que russos e ucranianos vêm se acusando mutuamente de utilizar e já documentadas no Vietnã, por iniciativa americana. "Uma guerra nuclear acaba com um dos pilares da Rússia, que são os negócios dos oligarcas. Tenho esperança que os sócios segurem a mão dele", diz.

E também é preciso ver até onde a economia mundial aguenta essas sanções que procuram tirar Putin do eixo. Um longo

TEMOR
O secretário-geral da ONU, António Guterres, diz que o conflito nuclear entrou no campo das possibilidades

VILÃO
Putin foi chamado de criminoso de guerra por Joe Biden: russos consideram ofensa imperdoável

NEGOCIAÇÃO
Em reunião na Itália, missões diplomáticas da China e dos Estados Unidos tentam alinhar posições

tempo com sanções é ruim para todo mundo, diz Cortinhas. O que a União Europeia parece ter bem em mente, com populações já sentindo a alta do custo de vida. Menezes observa que "uma coisa é dar a ordem; outra, é se será cumprida", com relação às armas nucleares. Para ele, o que se conhece como "deep state", a "governança" do país por trás de presidentes, freia ordens arriscadas, que se diluem em uma cadeia de comandos. Mesmo que Putin atinja o próprio limite explosivo, ele será contido. "São vários os níveis de segurança e não tenho dúvidas de que os russos estão falando direto com o Pentágono, como falam e se monitoram há 30 anos", diz. Não é uma decisão trivial, lembra, e não tem nada a ver com filmes onde presidentes apertam um botão vermelho. Com voluntários ou mercenários dos dois lados, Cortinhas não acredita em erro de cálculo por parte de Putin, que surpreendeu até o aliado Xi Jinping quando a invasão parecia improvável. "Vejo passos lentos da Rússia, mas Putin quer estabilizar posições a longo prazo", afirma. E a China permanece com o comportamento esperado de sua diplomacia, de observar, negociar, aguardar que a guerra termine para ver como pode tirar o máximo de ganho possível. Está em posição estratégica e tenta ser o fiel da balança, por enquanto declaradamente ao lado dos russos. ■

EQUÍVOCO
A porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, diz que a 3ª Guerra não vai ocorrer porque os EUA não querem

O ARSENAL NUCLEAR

Apenas nove países do mundo contam com esse tipo de armamento. A Rússia tem mais ogivas declaradas do que os Estados Unidos

Perto de 90% das 12.853 ogivas nucleares do planeta está sob controle de Rússia e EUA. São 5.977 com os russos e 5.550 com os americanos, de acordo com dados coletados em fevereiro de 2022 pelo Bulletin of Atomic Scientists, a partir de duas fontes: o Stockholm Institute Peace Research e o US Department of State. Se aos EUA se somarem França e Reino Unido (que também têm arsenal nuclear e estão na OTAN), são 6.065, que ultrapassam o total da Rússia.

São nove os países do mundo que contam com esse tipo de armamento. Depois de Rússia e EUA, a quantidade cai. Terceira colocada, a China tem 350, seguida de França (290), Reino Unido (225), Paquistão (165), Índia (156), Israel (90) e Coréia do Norte (50). No total, os países do Oriente, junto com a Rússia, contam com 6.691 ogivas nucleares, enquanto os do Ocidente, incluindo Israel, somam 6.155.

Esses números são quase os mesmos que os coletados em 2021 pela Arms Control Association (organização americana que se diz apartidária). Para eles, a soma está em torno dos 13.080 porque a Rússia teria 6.257 e a Coreia do Norte, entre 40 e 50. Desse total, 9.600 estariam em uso militar e as outras, sendo desarmadas. A mesma associação aponta que os EUA mantêm parte de suas armas nucleares abrigadas na Europa: Turquia (meio caminho entre Ocidente e Oriente), Itália, Alemanha, Holanda e Bélgica.

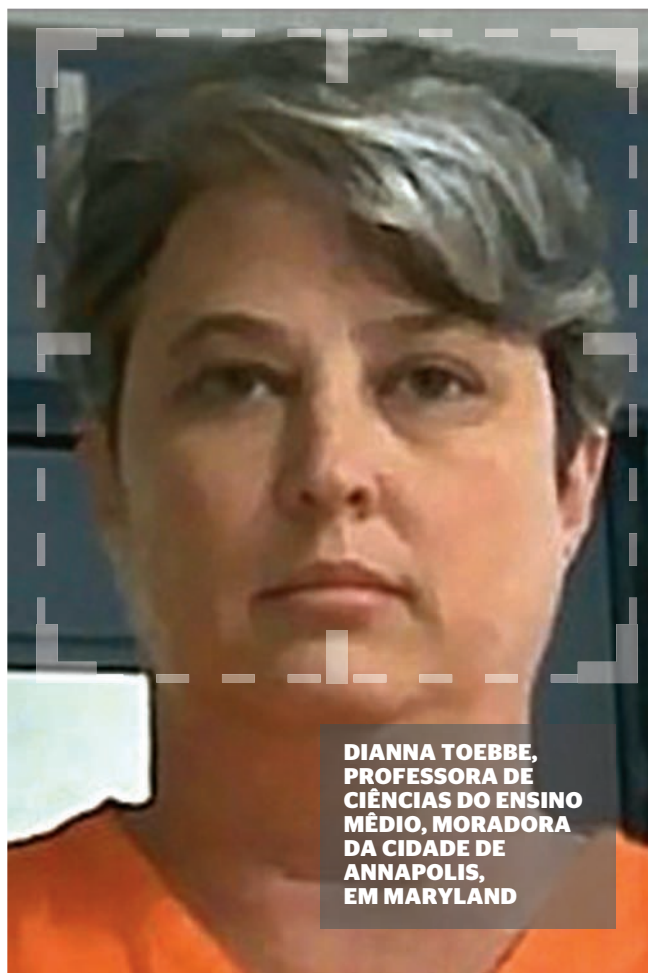
FOTOS: JIN MAMENGNI/XINHUA VIA AP; HOUSSAM SHBARO/ANADOLU AGENCY/AP; MIKHAIL KLIMENTYEV/SPUTINIK/KREMLIN POOL PHOTO/AP; PATRICK SEMANSKY/AP

Uma oferta indecente p

A tentativa de um casal norte-americano de vender segredos nucleares dos EUA parece saí
acabou quando agentes disfarçados do FBI, com ajuda da inteligência brasileira, armaram

Taísa Szabatura

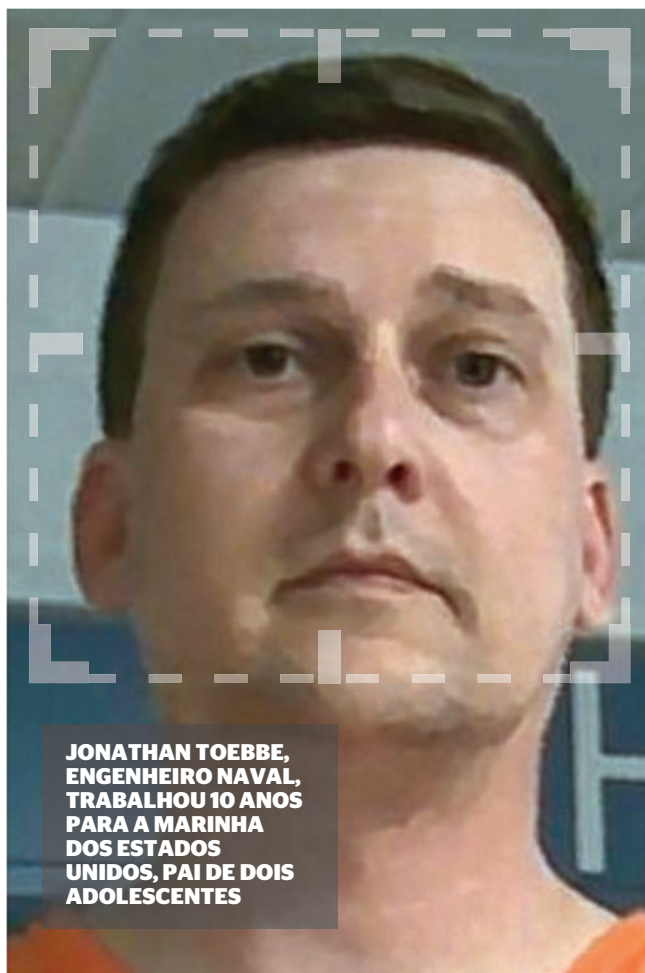
Muita coisa se passou na cabeça do engenheiro naval Jonathan Toebbe e da sua mulher, a professora de ciências do ensino médio Diana Toebbe, antes de decidirem vender segredos sobre a construção e manutenção de submarinos nucleares ao Brasil. A mercadoria que Jonathan tinha em mãos, coletada através de anos trabalhando para a marinha dos Estados Unidos, não poderia ser vendida para qualquer um. Apesar de traírem a própria pátria, o casal tinha a preocupação de escolher uma nação que não fosse uma inimiga declarada de seu país e que também tivesse dinheiro e o interesse em adquirir o material. O Brasil, conhecido por possuir, desde 1979, o Programa Nuclear da Marinha (PNM), com "o propósito de dominar o ciclo do combustível nuclear e desenvolver e construir uma planta nuclear de geração de energia elétrica", foi o país escolhido pelos espiões porque jamais usaria a força contra os Estados Unidos. Além disso, o Brasil estava ávido por fechar uma parceria estratégica para avançar com seu programa, já que, para conseguir construir o próprio submarino de propulsão nuclear, precisava de combustível e transferência de inteligência. As conversas diplomáticas com o governo norte-americano para que isso acontecesse, porém, estavam paralisadas desde 2018.

Ou seja, as mais de 11 mil páginas revelando detalhes sobre como construir reatores nucleares silenciosos e submarinos de ponta poderiam avançar os planos da Marinha do Brasil. Porém, quando Jonathan Toebbe abordou representantes do governo brasileiro, em abril de 2020, o Brasil decidiu contactar o FBI, a polícia federal norte-americana. Após segurar a oferta por quase nove meses, o risco de ser pego roubando segredos de um aliado tão importante falou mais alto. O governo Bolsonaro tinha o então presidente Donald Trump como seu principal amigo internacional. O casal acabou sendo preso em outubro do ano passado, mas os detalhes de toda a trapalhada foram aparecendo aos poucos, por meio das audiências judiciais dos Toebbe, que devem pegar penas de até 20 anos pelos crimes de espionagem. A revelação de que a nação envolvida era o Brasil, por exemplo, aconteceu apenas na quarta-feira, 16, o que gerou espanto da comunidade internacional. Segundo informações obtidas pelo jornal *The New York Times*, o Brasil havia pedido que o nome do país não fosse revelado. O escândalo, mesmo o País

DIANNA TOEBBE, PROFESSORA DE CIÊNCIAS DO ENSINO MÊDIO, MORADORA DA CIDADE DE ANNAPOLIS, EM MARYLAND

NEGÓCIO DA RÚSSIA

Previsto para ser entregue até o final da década, o Submarino Convencional de Propulsão Nuclear (SCPN) Álvaro Alberto é um dos maiores avanços tecnológicos do País. Seu principal objetivo? Servir como arma de dissuasão em potenciais conflitos internacionais. Sem a ajuda dos EUA e para não atrasar o cronograma, o

ara o Brasil

da de um roteiro de Hollywood. A história
uma cilada e capturaram os espiões

JONATHAN TOEBBE, ENGENHEIRO NAVAL, TRABALHOU 10 ANOS PARA A MARINHA DOS ESTADOS UNIDOS, PAI DE DOIS ADOLESCENTES

presidente Jair Bolsonaro pediu apoio pessoalmente a Vladimir Putin em sua última viagem ao país. Com o conflito na Ucrânia, a possibilidade de receber da Rússia esse tipo de tecnologia fica mais difícil e coloca em risco o futuro de todo o Projeto de Submarinos (Prosub), firmado em 2008 com a ajuda da França.

tendo contactado as autoridades americanas, poderia afetar décadas de trabalho por parte das forças armadas brasileiras.

O que levou um engenheiro de classe média e sua esposa a venderem segredos tão caros e estratégicos para os Estados Unidos? Moradores da cidade de Annapolis, capital do estado de Maryland, os Toebbe são pais de dois filhos adolescentes e estavam longe de enfrentar algum problema financeiro. Ao pedirem o equivalente a US$ 5 milhões em criptomoedas, o que parece ter motivado de fato os dois, segundo mensagens trocadas entre eles antes do contato com o Brasil e reveladas em tribunal, seria o descontentamento com o governo de Trump e sua possível vitória para um segundo mandato. "Não é moralmente defensável. Nós tentamos nos convencer de que está tudo bem, mas não está", pondera o marido sobre a decisão de vender os segredos. Diana teria então respondido: "Não tenho nenhum problema com nada disso. Não sinto lealdade a coisas abstratas".

Em posse da proposta do casal, um agente do FBI começou a negociar com os Toebbe se passando por um representante do governo brasileiro. Através de mensagens criptografadas de um programa de e-mail, as duas partes passaram meses conversando. Antes de entregar as informações, Jonathan chegou a pedir uma garantia ao agente disfarçado de que realmente estaria falando com um representante do Brasil. Para comprovar isso, foi colocada uma senha no prédio da embaixada brasileira em Washington, para enganar o casal. Confiante, a dupla começou a liberar dados em cartões de memórias escondidos em lugares inusitados. Antes da prisão, três entregas foram feitas em locais secretos: uma delas foi entregue em um sanduíche de pasta de amendoim, outra em uma embalagem de curativos e a última em uma caixa de chicletes. O fato de combinarem uma troca física de informações, em vez de apenas digital, foi o calcanhar de Aquiles do plano. Os dois acabaram identificados e presos. ■

TECNOLOGIA Brasil busca soluções para levar projeto de submarino nuclear adiante

FOTOS: WEST VIRGINIA REGIONAL JAIL AND CORRECTIONAL FACILITY AUTHORITY/AP; ZÔ GUIMARÃES/FOLHAPRESS

DESESPERO Ilana Kalil sofria de depressão e estava incorformada com as denúncias que atingem seu marido

Tragédia consumada

Morre mulher de **Renato Kalil**, médico **acusado** de violência obstétrica e assédio moral e sexual **por pacientes e funcionárias**. A polícia, o Ministério Público e o Cremesp o investigam

Vicente Vilardaga

Um dia antes de morrer, a nutricionista e instrumentadora cirúrgica Ilana Kalil, de 40 anos, estava inconformada com cenas que tinha visto no Instagram. Perturbava-lhe profundamente a atenção que algumas amigas de sempre tinham dado para a influencer Shantal Verdelho, sua desafeta, na festa de casamento de Lu Tranchesi, herdeira da Daslu, com o empresário Rafael Luzzi, sábado, 12. Ilana, que não foi convidada, se sentiu traída e fez postagens críticas contra as antigas companheiras que, no evento, pareciam aliadas de Shantal. Logo depois apagou as mensagens, mas se revoltou porque se sentia censurada nas mídias sociais e não podia falar o que queria. O problema é que Shantal acusa o marido de Ilana, o médico Renato Kalil, de violência obstétrica, abuso cometido na ocasião do parto de sua filha, Domênica, em setembro do ano passado, na Maternidade São Luiz, em São Paulo.

A situação vem provocando constrangimento e vergonha pública para a família e transformou Renato, até então um dos obstetras mais bem afamados do País, com, segundo declara, cerca de dez mil partos realizados em 35 anos de carreira, em um personagem obscuro que está tendo que se explicar na Justiça. Sua mulher, que já sofria com depressão e tomava remédios controlados, teve sua condição psiquiátrica agravada nos últimos meses. A morte foi registrada como suicídio consumado no 89º Distrito Policial, no Morumbi, mas ainda se averigua se houve crime. Falta analisar o laudo do Instituto Médico Legal (IML) e da perícia para que a suspeita seja confirmada pela polícia. O Ministério Público de São Paulo também abriu uma investigação sobre as circunstâncias da morte.

A vida da família Kalil virou de ponta-cabeça depois que ele começou a sofrer acusações de violência obstétrica e de abusos morais e sexuais. Assim que o

FOTOS: REPRODUÇÃO; ISTOCKPHOTO

caso de Shantal veio a público, várias outras vítimas do passado começaram a aparecer dispostas a depor contra ele. O médico é investigado atualmente pela polícia, pelo Ministério Público e pelo Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp) por atos impróprios e antiéticos cometidos em seus atendimentos. No Ministério Público, é acusado por cinco mulheres, incluindo Shantal e a jornalista britânica Samantha Pearson, que, no seu segundo parto, se sentiu humilhada por Renato por causa de insinuações gordofóbicas. Outras mulheres afirmam ter sido vítimas de abusos sexuais do médico, como uma ex-enfermeira que trabalhou no seu consultório. Na investigação em andamento no 27º Distrito Policial, 21 pessoas, entre pacientes e testemunhas, denunciam Kalil por várias condutas desviantes no exercício da profissão. No âmbito doméstico, há também duas ex-babás que trabalharam em sua casa e o acusam de importunação e comportamento libidinoso.

NOVAS VÍTIMAS

"Independente dos últimos acontecimentos, a gente vai continuar o processo e ele vai responder por seus atos e pelos crimes que lhe forem imputados", diz o advogado Sergei Cobra Arbex, que representa Shantal numa queixa-crime por difamação e injúria, devido aos xingamentos proferidos pelo médico contra a influencer no momento do parto. Segundo Arbex, novas denúncias continuam a chegar no 27º DP – nos últimos dias, ele próprio ouviu mais duas possíveis vítimas – e revelam que Kalil assediava pacientes e funcionárias de maneira sistemática. O médico ainda não foi ouvido no inquérito e nem foi indiciado. A expectativa do advogado é que ele seja denunciado à Justiça em abril. A defesa de Kalil nega todas as acusações contra ele e diz que se tratam de "histórias fantasiosas" e de "denúncias improcedentes". No caso de Shantal, que teve o parto filmado pelo marido, Mateus Verdelho, e usa o filme como prova da violência no parto, ele alegou que o vídeo foi manipulado e teve trechos tirados de contexto.

Nas redes sociais, logo que surgiram as primeiras denúncias, Ilana costumava defender Kalil com vigor. Eles eram casados há 15 anos e tinham duas filhas. Ilana era a parte mais ativa nos ataques à Shantal e a criticava diretamente ou por meio de páginas de terceiros pelas acusações contra o marido, que considerava infundadas. Ela, inclusive, trabalhava ao seu lado como instrumentadora cirúrgica. A certa altura, a nutricionista foi aconselhada a se conter nas postagens, pois poderia prejudicar a defesa de Kalil. Mas no fim de semana antes de sua morte, voltou à carga no Instagram e ficou desalentada com o que viu no casamento de Lu Tranchesi. No seu último texto nos Stories, disse: "Fui censurada de novo. E lá vai. Quem viu, viu. Quem não viu, não vai ver mais. E viva a ditadura."

Em depoimento à polícia, Kalil contou que a mulher sofria de "irritabilidade freqüente" e recebia acompanhamento psiquiátrico. No dia do óbito, segundo o médico, Ilana estava especialmente abalada com seus problemas nas redes sociais e não conseguia dormir. Ele lembrou que na madrugada de segunda-feira, 14, quando morreu, ela teria se irritado ao apagar a conta do Instagram "por causa de questões que o casal vinha enfrentando". E afirmou também que possuía uma caixa com várias cartas de despedida da mulher e que ela havia tentado o suicídio outras vezes usando medicamentos e objetos. Resta que todas as provas periciais e do IML sejam apuradas para que não fique nenhuma dúvida sobre o caso. Enquanto isso, Kalil ainda precisa se explicar sobre os outros assuntos. ■

ASSÉDIO A jornalista Samantha Pearson foi alvo de insinuações gordofóbicas proferidas por Kalil

VIOLÊNCIA A influencer Shantal Verdelho sofreu agressões verbais e físicas do obstetra na hora do parto

SIMULAÇÃO
O engenheiro Kazuo Nishimoto em cabine de realidade virtual para testes

PLATAFORMAS DO FUTURO

Empresas petroleiras investem para comandar automaticamente da terra as atividades em alto mar com a perspectiva de não precisar mais de tripulação a bordo dentro de uma década

Valéria França

Plataformas não tripuladas representam o sonho da indústria do petróleo. Isso significaria que todas as operações realizadas em alto mar - da perfuração à separação do óleo e do gás — seriam controladas de uma central instalada no continente. Já existe uma experiência de plataforma não tripulada que vem sendo realizada no Mar do Norte, em Osemberg, pela norueguesa Equinor, desde 2018. Trata-se ainda de um projeto piloto, mas que inspira toda a indústria no mundo. Isso inclui a Petrobras, que investe em novas tecnologias, para transformar o projeto em realidade. Mas a empresa avisa que não existe ainda tecnologia para desabilitar completamente uma plataforma flutuante de produção de grande porte, como as do Pré-Sal.

No mundo real, elas ainda são supertripuladas — acomodam quase 200 pessoas. Especificamente as plataformas do Pré-Sal ficam a 300 km do continente, o que as obriga a ter uma infraestrutura hoteleira juntamente com uma outra de produção navegando em alto mar. "As plataformas são navios convertidos, onde se aproveita o casco que suporta o resto da estrutura", explica Kazuo Nishimoto, professor do departamento de Engenharia Naval e Oceânica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP). "As tripulações se revezam em turnos, às vezes de 15 dias, quando então voltam para a vida no continente." Nishimoto é um dos especialistas da universidade que realiza teste e desenvolve novas tecnologias para a indústria do petróleo. "Além de ser uma operação custosa, sempre há riscos por mais que a empresa seja rígida na segurança de trabalho e nos processos de mitigação dos acidentes e incidentes", afirma.

As primeiras explorações de petróleo foram em terra na Escócia, em 1850, e nove anos depois nos Estados Unidos. Elas se tornaram muito mais complexas quando foram para o mar, nos anos 1930 e 1950, na Venezuela e no Golfo do México. "Muitas atividades estão robotizadas", diz Euardo Aoun Tan-

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; ANDRE RIBEIRO; REPRODUÇÃO

nuri, professor de Engenharia Mecatrônica da Poli-USP. Já existem robôs, chamados de Pigs, que percorrem o interior dos tubos de óleo para encontrar fissuras no sistema. Tem ainda o ROV, que funciona a 2 mil metros de profundidade para arrumar um sistema de válvulas (chamado de árvore de natal), que pesa cerca de 90 toneladas e tem a função de controlar o fluxo e a vazão do petróleo e do gás. São vários os exemplos de tecnologia. "Essas atividade já são controladas por um profissional especializado por cabos como se fosse um videogame, mas ainda só podem ser feitos da plataforma e não do continente. O desafio é fazer isso do continente", diz Tannuri.

Um grande passo nessa caminhada brasileira, no qual moram as apostas para se chegar à plataforma remota, é o desenvolvimento do Digital Twins. "Trata-se de um simulador capaz de reproduzir todos os processos da plataforma com os dados reais do ambiente em alto mar", diz Nishimoto. Seria o mesmo, segundo ele, que produzir um sistema duplicado do corpo humano, que tivesse todas as medidas como pressão sanguínea e batimento cardíaco em tempo real. Ele permite que os técnicos simulem problemas como vazamento de óleo e gás, entre outros. "Mas para que funcionem sem a ajuda humana ainda é preciso desenvolver mais o sistema de inteligência artificial. Precisam ser expostos a mais situações para que resolvam com a mesma rapidez que o ser humano", explica. Um bom paralelo com a situação das plataformas são os carros autônomos: eles já existem mais ainda não estão em linha comercial porque precisam ser aprimorados.

Desde a década de 1980, a Petrobras estabeleceu parcerias com a Universidade de São Paulo para desenvolver novas tecnologias. No campus existe um prédio batizado de Tanque de Provas de Números, onde os cientistas simulam vsituações. Por exemplo, existe ali um simulador de cabine de plataforma, onde são testados os cabos de amarração, diante de uma tempestade, entre tantas outras possibilidades. Trata-se de um trabalho incessante para aumentar a segurança e a eficiência do trabalho. "Aos poucos o número de pessoas é reduzido, mas ainda não tempos robôs que consigam ser tão flexíveis para entrar em um emaranhado de tubos para consertar um problema de válvula", diz Tannuri. Outro ponto é a transmissão de dados, que da plataforma para a terra depende de um satélite, que não transmite em tempo real e ainda falha. "Estamos no caminho para a plataforma não tripulada. Em dez anos, até menos, devemos chegar a um cenário bem próximo disso", projeta. ■

COMO É A ESTRUTURA

As plataformas têm, em média, **60 m** de largura e **350 m** de comprimento

chegam a trabalhar numa plataforma

é a distância da costa das plataformas do Pré-Sal no Brasil

é espaço destinado para a estrutura hoteleira nas plataformas

é o tempo que os funcionários ficam em alto-mar

CONVENCIONAL A plataforma P-74 opera em Campos e Búzios com tripulação

INOVAÇÃO Plataforma da Equinor, no Mar do Norte: monitorada do continente

Ela veio para ficar

Os brasileiros que não largarão a máscara, mesmo em locais abertos, afirmam que o equipamento ajuda a compor um novo (e até bonito) visual. Mais: ele tornou-se forte aliado contra doenças respiratórias

Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

Mesmo no auge da pandemia da Covid, quando o uso de máscara protetora em locais fechados ou ao ar livre era exigido por decreto, muita gente não a utilizou no Brasil — uns por mera falta de autoestima; outros por dificuldade cognitiva de entender a importância da precaução; e um terceiro e ruidoso grupo que preferiu optar pela ignorante teoria do negacionismo. Finalmente, o índice de óbitos e internações diminuiu sensivelmente com a vacinação, e autoridades políticas e sanitárias aboliram a necessidade dessa forma de proteção nas cidades brasileiras — algumas conservaram a obrigatoriedade somente em locais fechados. Há, no entanto, um número considerável de pessoas que não pretendem, de forma alguma, andar com a boca e o nariz descobertos. “Para mim, a máscara veio para ficar”, diz a dona de casa Karla Catiari Justo. “Hoje eu a uso com a maior naturalidade e, sem ela, me sinto desprotegida e vulnerável. Até minha filhinha tem máscara”. Existe quem se sinta inseguro, mas há aqueles que simplesmente se acostumaram e, agora, passados cerca de dois anos, as colocam como uma peça normal do vestuário. “Faz parte da composição do meu novo visual”, diz a farmacêutica Juliana Turco Federico, praticante de beach tênis.

Para se ficar no campo da saúde, pode-se fazer uma comparação: antes que o HIV se tornasse conhecido em meados da década de 1980, ninguém fazia sexo casual com preservativo porque não o carregava na bolsa ou no bolso. Hoje se dá o contrário: a maioria dos homens e das mulheres se vale dele. É possível argumentar que o HIV e demais doenças

SÃO PAULO O uso do acessório nas ruas não é mais obrigatório desde 9 de março: a maioria dos paulistanos mantêm a proteção

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; GABRIEL REIS; REPRODUÇÃO

ESPORTE Juliana durante o seu treino de beach tênis: com a máscara, um outro look

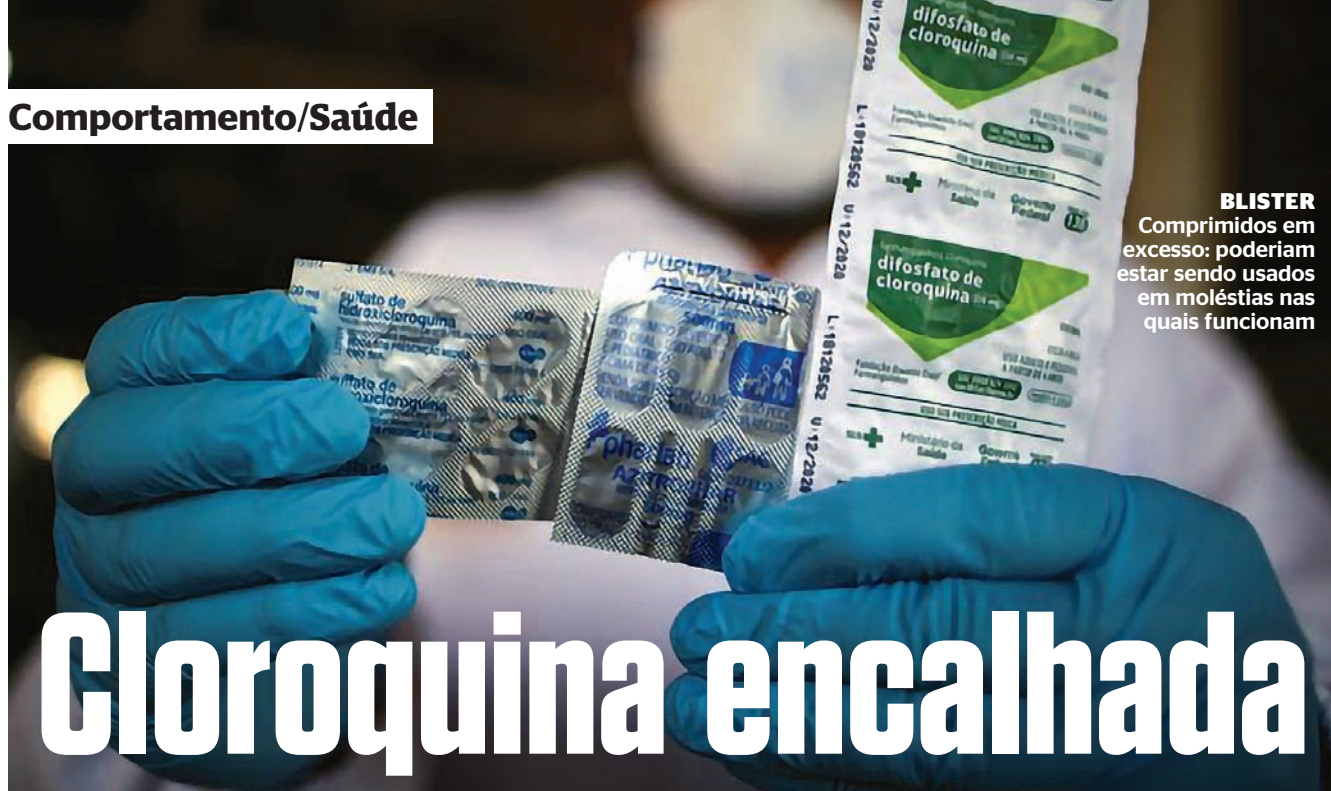
sexualmente transmissíveis estão circulando normalmente, e que o coronavírus deu uma grande arrefecida. Não importa. O fato é que para muitos brasileiros a máscara virou fator essencial de saúde. "É como preservativo, o seu uso para mim não tem discussão. Eu uso máscara e vou continuar usando", diz a odontóloga Marília Santos Silva. "Muitos brasileiros criaram a consciência de cuidar de si e dos outros", afirma o especialista em Relações Internacionais e professor da PUC do Paraná, Masimo Bella Justina. "Na Inglaterra não há lei para tudo, as pessoas se conscientizam daquilo que é certo e colocam em prática. Muitos brasileiros continuarão a usar as máscaras protetoras porque criaram um sentido de comunidade e de cuidado de um com o outro".

"Para mim, utilizar máscara é como preservativo. Não tem discussão"
Marília Santos Silva, odontóloga

Quando a OMS determinou oficialmente que chegara o momento do uso das máscaras dado o alto grau de contaminação da Covid, os brasileiros foram pegos de surpresa. Em primeiro lugar porque muitos médicos, até então, não viam tal necessidade; em segundo, porque não tínhamos entre nós a menor tradição de usá-las, mesmo nos picos sazonais de gripe. Quem levou a recomendação a sério não o fez por um dia, por uma semana nem por um mês. Foram quase dois anos, tempo mais que suficiente para que um novo modo de proceder fosse incorporado ao dia a dia. Desde que o mundo é mundo, é mais fácil nos habituarmos a novas situações que largarmos antigos comportamentos – só se faz exceção o viver na pobreza, sobretudo se isso acontece após a experiência do luxo e da riqueza. As máscaras, para uma multidão de brasileiros, em seu jeito informal de tocar a vida, serviram para combinar cuidado com a saúde e um novo estilo de ser. E, para essas pessoas, elas vieram e permanecerão. "Daqui para frente, só de máscara. Aonde vou, ela está em meu rosto", diz Karla. ■

TRADIÇÃO JAPONESA

O Japão está entre os países em que o número de vítimas fatais devido à Covid (cerca de vinte e seis mil pessoas) foi bastante reduzido se cotejado com outras nações, incluindo o Brasil. Motivo: o vírus já encontrou a população japonesa utilizando máscaras. Antecipou-se ela a essa pandemia? Não. Antecipou-se, isso sim - e há milhares de anos -, na prevenção de todas as doenças transmitidas e contraídas pelas vias aéreas superiores. Quando alguém está doente, usa máscara para não infectar outra pessoa; se não está enfermo, a utiliza para continuar sem contaminação. Com o enfoque na saúde individual e pública, a máscara tornou-se uma questão cultural.

A tradição vem desde o século 16: cobria-se boca e nariz com ramos da planta sakaki (sagrada no país), visando a impedir que o "hálito sujo" fosse lançado ao ar. A planta cedeu lugar às **máscaras em 1918, com o advento da gripe espanhola** que matou cerca de cem milhões de pessoas no planeta — esse é o momento no qual os japoneses aderem em definitivo àquela que é a mais segura profilaxia não farmacológica. Eles concebiam as máscaras como mais um instrumento da incipiente industrialização do início do século 20, e entra aí o conceito de ar impuro. Tal conceito é compreensível, ainda hoje, para um povo que enfrentou duas bombas atômicas, uma epidemia de Sars e assistiu à destruição, por um tsunami, da Usina Nuclear de Fukushima.

BLISTER Comprimidos em excesso: poderiam estar sendo usados em moléstias nas quais funcionam

Cloroquina encalhada

A dimensão da tragédia brasileira na pandemia pode ser medida pela enorme quantidade dessa medicação inócua que está sobrando nas cidades

Fernando Lavieri

CORRENTE DO MAL Trump e Bolsonaro: inúteis doações

Algumas cidades brasileiras querem saber como devolver o inútil presente que receberam do governo federal. Trata-se de um estoque de seiscentos mil comprimidos de cloroquina, medicamento que a ciência comprovou que é ineficaz contra a Covid, mas que Jair Bolsonaro e asseclas teimem em defender. Donald Trump, quando presidente dos EUA, doou três milhões de doses da droga ao Brasil. E Bolsonaro repassou parte dessa doação. Picaretagem seguida de picaretagem. Para a cidade catarinense de Joinville foram transferidas 160.500 unidades em setembro de 2020. Agora, há caixas com 130.500 cápsulas que continuam atravancando o espaço na Secretária Municipal de Saúde. "Paramos de distribuir porque os médicos não estão prescrevendo", diz Jean Rodrigues, secretário de Saúde. Em outubro, o destino dessa cloroquina é o lixo porque vence o prazo de validade. "Nessa quantidade significa desperdício", afirma Luiz Carlos Dias, da Academia Brasileira de Ciência e do Instituto de Química da Unicamp. Ele não quer dizer que, somente para não jogá-la fora, deva-se usá-la contra a Covid. Ao contrário: é que toda essa cloroquina poderia ter sido direcionada a doenças nas quais ela funciona.

Em Manaus há 120 mil unidades, na cidade paulista de Presidente Prudente guardam-se mais de 100 mil comprimidos, e, também em Santa Catarina, no município de Lages, 57 mil doses esperam destinação. Sem sucesso, todos tentam devolver a cloroquina ao Ministério da Saúde. Por que o ministro Marcelo Queiroga não a aceita? Por causa do viés ideológico de Bolsonaro. Além disso, em um atropelo à razão, a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec) afirmou que a cloroquina serve para Covid – e a vacina não. Ou seja: subserviente como é ao capitão, dificilmente Queiroga tomará alguma providência.

É provável que Queiroga queira despejar toda essa cloroquina encalhada no SUS, em ato de desdém com a saúde pública. "Colocando-a no SUS, os médicos que seguem a cartilha do negacionismo poderão receitá-la", critica Dias. Uma boa idéia, quem sabe, é mandar toda essa cloroquinada à casa de Bolsonaro – não ao Palácio da Alvorada, porque seria desrespeito com a República, mas sim a sua casa particular no Rio de Janeiro. ■

FOTOS: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOLHAPRESS; JIM WATSON/AFP

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

16
ISABELLA TAVIANI
A MÁQUINA DO TEMPO
18 DE MARÇO

16
THIAGO ARANCAM
turnê Magico Amore
19 DE MARÇO

L
LINDSAY PAULINO
Rose
a DOMÉSTICA do BRASIL
SP ÚLTIMAS APRESENTAÇÕES
20 DE MARÇO

16
Maestro João Carlos Martins
&
BACHIANA FILARMÔNICA SESI-SP
apresentam
Concerto Beethoven é Rock'n Roll
PRIMEIRA VEZ EM SÃO PAULO
26 DE MARÇO

16
JORGE VERCILLO
NOVO SHOW
RAÇA MENINA
02 DE ABRIL

16
Flat Out Friday
FLAT TRACK RACING
03 DE ABRIL

16
Matanza RITUAL
FELIPE ANDREOLI • AMILCAR CHRISTÓFARO • JIMMY LONDON • ANTÔNIO ARAÚJO
ABERTURA: SOCIEDADE BOEMIA
10 DE ABRIL

16
RAW TANK 2021
Tarja
SHAMAN
ABERTURA SANTO GRAAL
16 DE ABRIL

Patrocínio: Da Magrinha 100% INTEGRAL

Programa:
Apoio:
Realização:
Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção.
A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Protocolo de Vistoria nº 251233-2/2021. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

No embalo do skate

Depois das Olimpíadas de Tóquio e, agora, com o recente reconhecimento da profissão, empreendimentos que unem esporte, gastronomia e arte se multiplicam pelo País e ajudam a formar uma nova geração de campeões

Eduardo F. Filho

O único pedido de Leandro Miranda ao construir uma casa para morar era que deveria ter uma pista de skate. Ele só não imaginou que o lugar viraria um dos principais pontos de encontro de praticantes do esporte da capital paulista. Ele é proprietário do Cavepool, bar especializado em skate, mas também em gastronomia, educação e música. "Começou com uma reunião entre amigos. Assávamos uma carne aos finais de semana e deixávamos a pista de skate aberta para as pessoas usarem. Começou a encher e eu percebi que poderia investir em um lugar onde a molecada pudesse vir com a família, comer, beber e conversar", revela Leandro. Deu certo. O espaço hoje conta com duas pistas de skate, dois restaurantes – que vendem hambúrguer e a tradicional comida havaiana Poke –, estúdios de tatuagem e de música, e mostra que o esporte está atrelado a um novo estilo de vida e um gigantesco mercado de consumo. Bares associados a uma pista, como o Cave, se espalham por todo o Brasil.

CONVÍVIO
Conversas e seriedade: amigos batem papo no LayBack e observam a pista

Quem soube deslizar nessa onda foi Pedro Barros, medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Tóquio na modalidade. Há oito anos, junto com seu pai, André Barros, ele já observava o crescimento no número de praticantes e uma defasagem nos lugares de treinamento, que estavam abandonados. Muito deles ficavam em praças escuras e sem segurança: ou seja, um local onde nunca uma família poderia se reunir com tranquilidade para socializar. Nasceu ali a LayBack, empresa criada por pai e filho que tem como objetivo incentivar e apoiar atletas do skate e do surfe. A marca, que abrange uma linha de cerveja, peças de confecção, sedia campeonatos mundiais e constrói pistas de skate, tem também mais de 16 estabelecimentos espalhados pelo Brasil em que une o esporte à gastronomia. "Hoje, dentro do complexo, temos estúdios de tatuagem, lojas de roupas, alguns restaurantes que vendem hambúrgueres e açai, e escritórios voltados para o segmento", diz Rafael Alcici, CEO da LayBack.

FOTOS: GABRIEL REIS; KEINY ANDRADE; LEONARDO OLIVEIRA; ISTOCKPHOTO

UNIÃO André e o filho Heitor passam um tempo juntos na Cavepool: o esporte aproximou a família

Os novos ambientes seduzem os jovens praticantes de skate e seus pais. André de Souza, 43 anos, é um dos frequentadores assíduos do Cavepool. Ele gosta de frequentar o bar e comer na hamburgueria enquanto seu filho, Heitor de Souza, 9, treina. Apesar da pouca idade, o menino já entrou para o time profissional da pista e ganhou recentemente a primeira etapa do campeonato paulista. "Eu o apoio e faço questão de vir todos os dias com ele, mesmo não entendendo muito. Sento, peço algo para comer, bebo uma cerveja, converso com outros pais", revela. Segundo André, a Cave aproximou pai e filho, além de ter ajudado a moldar a postura do garoto. "Ele era bravo, teimoso e muito respondão. Nesse lugar ele ganhou disciplina ", diz. Um dos principais diferenciais da Cave, segundo Leandro, é exatamente moldar e formar jovens mais respeitosos, atenciosos e campeões. Luizinho, por exemplo, primeiro brasileiro a se classificar para Tóquio e que acabou em quarto lugar, começou a treinar na Cave em meio a muitos hambúrgueres que comia ao lado do irmão. "Acho muito gratificante participar dessa mudança cultural no skate. Não estamos mais escondidos em praças", afirma.

Essa mudança não é apenas cultural, mas comportamental. Apesar do mesmo boné para trás e das mesmas vestimentas: camisetas e calças largas com pelo menos dois números maiores que o corpo mede, o esporte não é mais o mesmo. Foi-se o tempo em que o skate era visto como algo marginalizado. Proibido no Brasil em 1986, por Jânio Quadros, ele é agora profissão reconhecida no Brasil, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), atualizada na última quarta-feira, 16. O maior divisor de águas foi a inclusão da modalidade em Tóquio, quando Laryssa Leal, a fadinha do skate, conquistou a medalha de prata. Em 2019, mais de 8 milhões de pessoas praticavam o esporte, mas esse número aumentou depois dos jogos. Os novos bares de skatistas espalhados pelo País tendem a aumentar ainda mais a quantidade de praticantes e levar a cultura do esporte cada vez mais longe. Nos arredores das pistas, muitas crianças se familiarizam com o skate assim que dão os primeiros passos. É um ambiente propício para a formação de campeões. ■

CULTURA O objetivo dos bares é apoiar atletas do skate e incentivar a gastronomia e a arte: impacto cultural na região

"Acho muito gratificante participar dessa mudança cultural no skate. Não estamos mais escondidos em praças, ganhamos espaço na arte, na música e no mercado"

Luizinho, skatista profissional

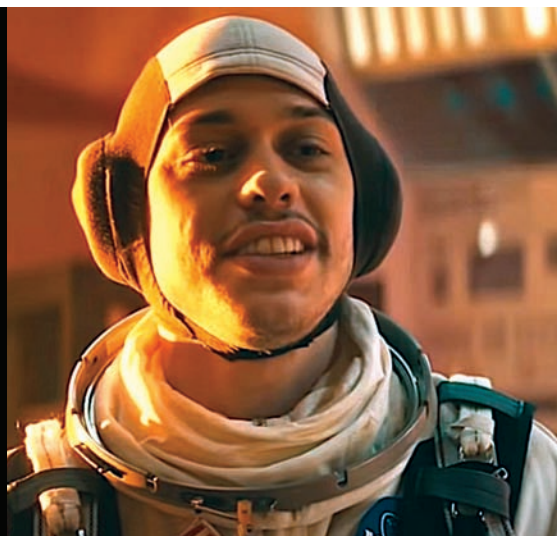
Gente

A volta de uma família explosiva

Pode-se dizer que ela encontrou o seu lugar: **Cleo**, que não usa mais o sobrenome "Pires", está prestes a lançar o filme *Me Tira da Mira*. É o primeiro em que a atriz, além de protagonista, é produtora. "Adorei essa função porque me permitiu dar palpite em tudo. Esse é o meu lugar", explica. Na trama, ela faz o papel de Roberta, investigadora da polícia que se infiltra em uma clínica de "Realinhamento Energético" para investigar a morte de uma atriz. Para se preparar para o papel, Cleo fez aulas de luta e até de tiro. "Voltei a ser explosiva, mas isso o público já sabe", afirma. A comédia policial foi feita em família: no elenco estão seu irmão, Fiuk, e seu pai, o cantor Fábio Jr. É a primeira vez que o trio contracena junto. "Fiquei viciada nessa história de reunir a família. Agora só quero trabalhar com eles". O longa estreia em 24 de março.

Onze minutos de paz

A vida do humorista **Pete Davidson** está passando como um foguete nas últimas semanas. Tudo começou quando ele assumiu o relacionamento com Kim Kardashian, após o término do tumultuado processo de divórcio dela com o rapper Kanye West. A socialite o apresentou a Jeff Bezos, proprietário da Amazon e da empresa Blue Origin, que realiza viagens de turismo espacial. Os três jantaram juntos e Pete saiu de lá com uma passagem para o espaço. Ele será o sexto participante da missão que deixará a Terra na quarta-feira, 23, e cruzará a atmosfera em um voo que terá a duração de onze minutos. Pode parecer pouco tempo, mas pelo menos será um período de paz: quem sabe Davidson esfria a cabeça e para de brigar com Kanye West nas redes sociais...

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; REPRODUÇÃO; SAL RICARDO/DIVULGAÇÃO; HANNAH MCKAY/REUITERS/FOTOARENA; JOHN RAOUX/AP PHOTO; KARINE BASÍLIO/DIVULGAÇÃO

Velozes e musculosos

A primeira vez em que entrou em um kart profissional, em 2010, o ator **Caio Castro** contou com o apoio do colega **Rafael Cardoso**. Amantes da adrenalina, os dois fortões entraram para a mesma equipe e logo passaram a competir nas categorias voltadas para amadores. Na época, não tinham a intenção de correr de forma profissional. Doze anos depois, as coisas mudaram: Caio Castro revelou que Rafael será seu novo parceiro na disputa pela Copa Porsche. "Sei da qualidade dele como piloto", afirmou à ISTOÉ. Rafael, que tem passado um período pilotando picapes 4x4 em sua fazenda, aceitou o convite na hora: "Sou motivado por novidades, mas não crio muitas expectativas. Estou começando agora e o importante é se divertir", afirmou.

A bisavó ficou chateada

Parece que a **Rainha Elizabeth II** não está nada feliz com a recusa de seu neto, Príncipe Harry, de comparecer ao memorial realizado em homenagem ao avô, Príncipe Philip, no Reino Unido. O evento acontecerá dia 29 na Abadia de Westminster, em Londres.
A monarca teria a chance de conhecer a bisneta Lilibet, que nasceu há nove meses, mas que não esteve até hoje diante de sua presença real. Fontes próximas da família indicam que a rainha estaria "desesperada" para passar um tempo com a criança. O encontro, todavia, terá de esperar mais: Harry não se sente seguro no Reino Unido, ainda mais depois de perder a proteção policial para ele e sua família.

Nada de aposentadoria

Apesar de ter anunciado a aposentadoria há apenas dois meses, o hexacampeão de futebol americano, **Tom Brady**, voltou atrás na decisão de encerrar a carreira e confirmou que vai disputar mais uma temporada por sua equipe, o Tampa Bay Bucaneers. No início do ano, o astro de 44 anos havia dito que penduraria as chuteiras após conversar com a família e, principalmente, com a esposa, a modelo brasileira Gisele Bundchen. "Percebi que meu lugar ainda é no campo, não nas arquibancadas. Essa hora vai chegar, mas não é agora", desabafou. Gisele, que havia se pronunciado a favor da aposentadoria, usou as redes sociais para apoiar a decisão do maridão. E admitiu: "Lá vamos nós, de novo".

Encontro de gerações

O estúdio Notorius, em São Paulo, virou palco de um encontro estrelado: uma sessão de fotos com **Paula Lima**, **Luiza Possi**, **Fafá de Belém** e **Simone**, que faz dupla com a cantora Simaria. O esquema de segurança foi reforçado: dentro da sala, os poucos presentes não podiam nem manter seus celulares. Todo o segredo surgiu porque o quarteto seria clicado de lingerie. "Foi divertido e delicioso. Nada de competição, estávamos tranquilas, plenas e felizes com os nossos corpos", contou Fafá. A cantora explica que não há maldade nas imagens com roupas de baixo, mas na forma erótica como se vê o corpo da mulher. "Isso precisa acabar". As quatro foram escolhidas pela marca de lingerie por representarem a diversidade de biotipos e gerações.

Inflação pode ser o dobro da meta

O mega-aumento dos combustíveis terá impacto direto e indireto nas mercadorias. O índice inflacionário, que permanece nos dois dígitos há seis meses, pode se igualar ao do ano passado

Valéria França

As perspectivas econômicas para 2022, traçadas em cima de uma inflação mais controlada, que deveria fechar o ano em 5%, de acordo com a meta do governo, já foram totalmente frustradas. Só em fevereiro, o IPCA mensal dobrou para 1,01%. O resultado foi provocado principalmente pela alta dos alimentos e do ensino regular. Só para dar uma ideia do tamanho do problema, na hora de comprar os ingredientes de uma salada, o consumidor pagou a cenoura 55,41% mais cara que em janeiro. As hortaliças, 15,42%. O aumento das mensalidades das escolas (6,67%) foi o item que mais impactou, segundo especialistas. Mas nem tinha acabado fevereiro –

IMPACTO NOS FRETES
O aumento do combustível vai inflaconar custo do transporte rodoviário

"Se não olharmos o déficit público, logo não pagaremos as dívidas e voltaremos a inflação de 1980."
Cleveland Prates, professor da FGV Direito

"Arthur Lira acha que a Petrobrás é uma empresa com fim social e não uma empresa privada."
Mailson da Nóbrega, sócio da Tendências Consultoria Integradas

FOTOS: ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA; ISTOCKPHOTO; GABRIEL REIS; DIVULGAÇÃO; MARCIO SCHIMMING;

era dia 24 –, estourou a guerra na Ucrânia. O aumento das commodities foi instantâneo. O barril do petróleo passou de U$ 100, levando a uma escalada global do custo. No dia 12, a Petrobrás, que já acumulava internamente um aumento de 40% do petróleo herdado do ano passado, repassou parte dele: 18,8% para o custo final da gasolina e 24,9% para o do diesel.

“Este ano podemos chegar ao mesmo patamar de inflação do ano passado, que fechou com 10,06%”, alerta Cleveland Prates, professor de Economia da FGV Direito. “Vamos lidar durante o ano com as consequências de uma série de decisões equivocadas, irresponsáveis e na maioria das vezes populistas para resolver a questão da inflação.” Entre elas, medidas que visam controlar o preço da gasolina, independentemente do mercado internacional. No dia 10, o relator Jean Paul Prates (PT) aprovou com o apoio do governo o Projeto de Lei Complementar (PLP) 11/2020, que reduz a cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre os combustíveis. A taxa passa a incidir apenas uma vez no ano e não a cada aumento. O Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento e Seguridade Social (Cofins) também não serão cobrados sobre os combustíveis em 2022. O Comitê Nacional de Secretários de Fazenda calcula que estados e municípios terão prejuízo de R$ 24 bilhões.

TRIGO EM ALTA Diminuição da oferta global vai encarecer produtos como o pão francês

Há ainda em tramitação no congresso o PL 1.472/2021, que propõe um Fundo de Estabilização de Preços do Petróleo (Fepetro). Prates lembra que em 2012, durante o governo Dilma Rousseff, o barril do petróleo atingiu o mesmo preço do atual. A única diferença entre os cenários é o câmbio do dólar, que custava R$ 1,95 e agora sai R$ 5,16. “Nessa época, a presidente resolveu não repassar os aumentos do petróleo, o que quase quebrou a Petrobrás e depois resultou em uma série de aumentos”, disse. Ele afirma que o não repasse dos preços também abala a competitividade do mercado. “Nenhum importador trabalharia no Brasil, se os preços aqui fossem mais baixos que em outros países.”

Para o consultor Maílson da Nóbrega, da Tendências Consultoria Integradas, o Brasil tem um complicador: “Bolsonaro acredita falsamente que o País é autossuficiente em petróleo e não deveria aumentar os preços.” Uma ideia que ganha distorções, ainda maiores, segundo Nóbrega, quando o presidente da Câmara, Arthur Lira, acha que a Petrobrás “é uma empresa com fim social”.

A escalada de preços também será percebida em outras commodities. “O mundo tem hoje uma grande rede comercial tão interligada, que a alta do petróleo vai causar a elevação do preço do açúcar, porque os usineiros brasileiros darão preferência à produção de etanol”, diz Roberto Dumas, professor de Economia Internacional do Insper. Outro impacto indireto do aumento do petróleo é, segundo Joelson Sampaio, o da logística. “Haverá um aumento do frete de transporte de cargas assim como o de passagens para pessoas.” Os especialistas também lembram que a guerra afeta exportações importantes da Rússia e da Ucrânia, caso do trigo, do milho e dos fertilizantes, o que vai afetar diretamente o agronegócio brasileiro. “Sem fertilizantes”, diz Dumas, “o jeito será produzir menos e o preço dos alimentos vão subir mais.” ■

“As commodities seguem preços internacionais. Diminuiu a oferta, o preço subiu”.”

Joelson Sampaio, professor da Escola de Economia da FGV

“A alta do petróleo vai impactar até o preço do açúcar. Os usineiros darão preferência para o álcool”

Roberto Dumas, professor do Insper

LIDERANÇA
Em março, Emmanuel Macron passou ao primeiro lugar nas pesquisas eleitorais

Macron: a 'voz' da Europa

Invasão da Ucrânia virou uma oportunidade nas eleições de abril para o presidente da França. Depois de passar bem pela crise da pandemia, ele cresceu como estadista ao se apresentar como negociador em meio à crise, deixando os rivais de direita para trás

Denise Mirás

Depois de enfrentar três crises durante seu mandato - "coletes amarelos", pandemia e guerra na Ucrânia -, Emmanuel Macron está perto de se reeleger presidente da França em 10 de abril. Ou em 24 do mesmo mês, se tiver de enfrentar a rival Marine Le Pen em um segundo turno. Colocando-se no centro entre extremistas, o francês está na liderança das pesquisas, com pequena margem, mas praticamente dobraria seus votos sobre a candidata da direita radical se a eleição seguisse para o confronto direto.

A guerra na Ucrânia teve repercussões na reta final de campanha, de acordo com as pesquisas. A invasão programada por Vladimir Putin, apoiada ainda que discretamente pelos representantes da extrema direita, fez derreter as intenções de voto nos seus candidatos: Le Pen e Éric Zemmour, que se lançou após o sucesso de suas aparições em um canal conservador de TV. Ambos sempre elogiaram o russo. Le Pen, inclusive, foi financiada por ele. Isso abriu espaço para uma discreta ascensão de Jean-Luc Mélenchon, radical de esquerda. Os outros ficaram pelo caminho.

Desde a primeira eleição de Macron, em 2017, o campo conservador se fortaleceu. Mas a guerra mudou o cenário, pelas ligações hoje repudiadas de Le Pen e Zemmour com o presidente russo. Macron, ao contrário, adotou no conflito da

FOTOS: IAN LANGSDON/POOL/AFP; LUDOVIC MARIN/POOL VIA AP; FOTORUA/NURPHOTO; THOMAS SAMSON/AFP

Ucrânia a postura de líder da União Europeia (a França assumiu em janeiro a presidência do bloco, onde ficará até o fim de junho). Ele colocou-se como um dos principais mediadores pelo cessar-fogo e, com isso, chegou ao topo na preferência dos eleitores franceses.

EQUILÍBRIO NAS CRISES

François Weigel, professor de Literatura e Língua Francesas na UFRN, além de estudioso da política de seu país, observa que desde o primeiro mandato Macron se despiu do rótulo de socialista (havia sido ministro da Economia do governo de François Hollande), para se candidatar à presidência. "Ele foi eleito ao reunir votos de eleitores cansados dos tradicionais partidos franceses da direita e da esquerda. Era uma novidade. Colocou-se como representante do campo progressista e essa é sua estratégia até hoje", observa.

Um primeiro momento crucial na gestão de Macron foi a aprovação da taxa ambiental sobre o preço da gasolina – estopim para o movimento dos "coletes amarelos". Mesmo sob a justificativa ecológica, cada vez mais presente entre os europeus, protestos se estenderam a todo país e abrangeram outras medidas propostas, como a redução de idade da aposentadoria. A França pegou fogo e a ira de outubro de 2018 se prolongou até 2019. Então veio a Covid-19, com o lockdown mundial em 2020, o que acabou favorecendo as pretensões de reeleição do presidente francês. "Macron cresceu principalmente na pandemia, porque conseguiu equilibrar a proteção sanitária e o giro na economia, mantendo o poder de compra da população, mesmo à custa do endividamento do Estado", observa Weigel.

Ainda assim, a extrema direita estava à frente nas pesquisas. Mas ocorreu uma divisão com a chegada de um novo partido radical de direita, comandado por Zemmour, que acabou "roubando" votos de Le Pen. "Ele tem um discurso abertamente agressivo, xenófobo, e a Marine, como dizemos, 'botou água no vinho'. Simpáticos ao autoritarismo de Putin e ao menos ambíguos com relação à invasão da Ucrânia, os dois se enfraqueceram para as eleições", diz o professor.

Do lado da esquerda, houve uma grande fragmentação, enquanto discursos eram considerados fracos. Daí a chance relativa de Jean-Luc Mélenchon, da esquerda radical, passar ao segundo turno, na opinião de Weigel. "Além de conhecido (foi terceiro colocado na última eleição, atrás de Macron e Le Pen), ele tem um discurso mais voluntarioso, que pode servir de apelo mais popular."

Para as eleições de abril, mesmo visto muitas vezes como arrogante, Macron conseguiu os 500 parrainages (espécie de ok que os prefeitos de todo o país são chamados a dar a um candidato, condição exigida desde 1958 – e que não foi alcançado, por exemplo, por Christiane Taubira, que havia vencido a primária popular das esquerdas). O presidente vem crescendo em seu papel de estadista aos olhos dos franceses ao dialogar com os vizinhos, como o alemão Olaf Scholz, e se dispondo a contornar a guerra, afirma Weigel. "O ponto forte do programa de Macron é colocar os interesses europeus em destaque, o que pode ser o diferencial para vencer no primeiro turno – ou ajudar no segundo. Ele é bem inteligente, estrategista, e joga com isso: ser a voz da União Europeia." ■

PONTO FRACO Marine Le Pen perdeu eleitores, pelo apoio a Vladimir Putin

"COLETES AMARELOS" Em 2018, Macron enfrentou sua primeira crise na presidência

PANDEMIA Proteção sanitária e manutenção do poder de compra foram trunfos de Macron

Cultura

LIVROS **por Felipe Machado**

"M", de Mussolini

Segundo volume da trilogia de Antonio Scurati, biografia romanceada do ditador italiano narra o período em que o partido fascista, fundado por ele, viveu o seu auge

"Se eu avançar, siga-me. Se eu recuar, mate-me. Se eu morrer, vingue-me." Roubada de um general do século 18, a frase proferida por Benito Mussolini na reunião do governo italiano, em 7 de abril de 1926, seria o resumo perfeito de projeto autoritário e personalista de poder do ditador. Horas antes, o autodenominado "Duce do Fascismo e Fundador do Império" havia escapado de um dos muitos atentados que sofreria ao longo da vida – fato que lhe renderia, na visão dos seus seguidores, a fama de operador de milagres.

Escrita por Antonio Scurati, a trilogia sobre a vida de Mussolini é um dos maiores fenômenos literários italianos dos últimos tempos. Lançado em 2018, o primeiro volume, *M, o Filho do Século*, vendeu quase um milhão de cópias e foi traduzido em 40 países. Chega agora às livrarias a segunda parte da obra, *M, o Homem da Providência*. O livro inicial cobre o período de 1919 a 1925: o jovem humilde, filho de um ferreiro com uma professora, voltara da Primeira Guerra Mundial decidido a abandonar o socialismo, regime que defendia até então. Sensível aos movimentos populares, fundou o primeiro partido fascista, o "Fasci di Combattimento". Em 1924, após chegar ao poder, incitou o assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti. O crime foi cometido pela milícia pessoal de Mussolini, os "camisas negras" – ele havia revelado a farsa na eleição. Com a morte do rival, o "Duce" estava livre para instaurar uma ditadura de partido único, com anuência do fraco rei Vítor Emanuel III.

M, o Homem da Providência, o segundo volume da trilogia, começa em 1925 quando Mussolini já é primeiro-ministro. A obra inicia com sua luta pela vida – não por conta de algum inimigo, mas graças a uma hemorragia gástrica que quase o levou à morte. Vencida a doença, vem a fase de consolidação do regime, quando Mussolini trocou as disputas com adversários políticos – os que ainda existiam eram encarcerados ou mortos – pelas "batalhas econômicas". Dedicou-se a administrar os problemas do país por meio de campanhas de mobilização popular, como a "Batalha do Trigo", que visava ao aumento da produção agrícola, ou a "Batalha pela Terra", que limpou os pântanos para reduzir a disseminação da malária. No auge do poder, enfrentou o isolamento e a paranoia tão comum aos autocratas. Confiava em poucas pessoas, entre elas a mulher, Rachele, e a amante, Margheritta Sarfatti. O livro termina com a inauguração da "Terceira Roma", no décimo aniversário da revolução fascista, quando Mussolini adota o conceito criado por Giuseppe Mazzini: "Depois da Roma dos imperadores e da Roma dos papas, virá a Roma do povo".

LANÇAMENTO

M, o Homem da Providência
Antonio Scurati
Ed. Intrínseca
606 págs. | Preço: R$ 81

Por seu impacto global, Adolph Hitler vem à mente quando pensamos em um ditador do século 20. É Mussolini, porém, quem representa melhor o arquétipo do líder autoritário anti-democrático, o tirano arrogante que esmaga a oposição, defende a violência como ferramenta política legítima e abraça o povo como a mais paterna das figuras. Cinco anos mais velho que Hitler, sua trajetória foi um exemplo para o líder nazista. Os ditadores, que se uniriam mais tarde contra os Aliados, na Segunda Guerra, também morreriam juntos: Mussolini, aos 61 anos, foi fuzilado em 28 de abril de 1945. Hitler se matou aos 56 anos, dois dias depois. ■

'IL DUCE'
Benito Mussolini: para o ditador fascista, a violência era uma ferramenta política legítima

OBRA É FENÔMENO LITERÁRIO NA ITÁLIA

É tamanha a semelhança com o cenário político atual, que leitores desavisados poderiam acreditar que a obra de Antonio Scurati sobre Benito Mussolini se passa nos dias de hoje. A ascensão do autoritarismo descrito pelo autor napolitano remete aos movimentos da nova extrema direita, e nos lembra dos riscos que surgem da conjunção de crise econômica, com exacerbação do nacionalismo e líderes políticos carismáticos e populistas. Ironicamente, o tema, apaixonante, contrasta com o estilo literário de Scurati: objetivo, seco, contido, quase um relatório de fatos em sequência cronológica. Suas biografias romanceadas do líder italiano, no entanto, são extremamente fidedignas à realidade, frutos do rigor histórico e de elaborada pesquisa. Trazem ainda telegramas, notícias de jornais e trechos de cartas, além de um aposto com mini-biografias dos personagens citados. Um belo material de apoio que valoriza ainda mais a obra de Scurati, autor agraciado com o prêmio Strega, o mais renomado da Itália, e professor de literatura da Universidade de Comunicação e Línguas de Milão.

FOTOS: SHAWSHOTS/ALAMY/FOTOARENA; DIVULGAÇÃO, REPRODUÇÃO

A maldição do Banco Central

A série *3 Tonelada$* narra a investigação da Polícia Federal de um dos crimes mais espetaculares da história do País: o roubo de R$ 165 milhões do caixa-forte do BC em Fortaleza

Felipe Machado

EXAGERO Malas com notas de R$ 50: "me deu nojo de tanto dinheiro", ironizou um dos criminosos

Mesmo em um país como o Brasil, com altos índices de criminalidade, há certos casos que se destacam e permanecem décadas no imaginário popular. Existem diversas explicações para isso, do impacto social ao grau de violência da operação. O roubo do Banco Central em Fortaleza, em 6 de agosto de 2005, entrou para a história por duas razões: o alto valor levado pelos ladrões e a complexidade com que o plano foi executado. No entanto, como sabemos, não existe crime perfeito – e esse não foi diferente.

A série documental *3 Tonelada$: Assalto ao Banco Central*, produzida pela Netflix, comprova essa tese. Revela também que o crime, inicialmente sem vítimas fatais ou sinais de agressividade, provocou mais tarde um cenário extremamente violento. Dirigida por Daniel Billio, a produção é dividida em três episódios: o primeiro narra o furto em si, com destaque para o planejamento surpreendente e a tecnologia empregada na construção de um túnel de 85 metros de comprimento. Com sistema de ventilação, iluminação e até uma li-

HERÓI Delegado Antônio Celso dos Santos: quatro anos de perseguição

FOTOS: NETFLIX DIVULGAÇÃO; ISTOCKPHOTO; DIVULGAÇÃO

TECNOLOGIA O túnel de 85 metros: sistema de ventilação e linha telefônica

nha telefônica, a obra ligava uma empresa de fachada criada pelos bandidos, com foco na venda de grama sintética – para que a quantidade de terra retirada do local não chamasse a atenção –, a um dos caixas-fortes do arranha-céu no centro da capital cearense.

A série reúne entrevistas com diversos envolvidos no crime, inclusive um dos onze membros da quadrilha que elaborou o plano. Ele é o responsável por pelo menos duas frases que, em outro contexto, soariam até divertidas. A primeira delas: "E aí, vamos bater o recorde mundial?" – ele lembra ter dito isso ao resto do bando ao constatar a quantidade de dinheiro que havia no cofre. Foram mais de 300 pacotes com cerca de R$ 500 mil cada, um impressionante total de R$ 165 milhões. A segunda frase dele foi: "Me deu nojo de tanto dinheiro", diante do volume absurdo de notas de R$ 50 – eles não levaram as notas de R$ 100, nem as sequenciais, para evitar que fossem rastreadas.

O segundo episódio exibe a investigação da Polícia Federal, liderada pelo delegado Antônio Celso dos Santos. O ponto de partida foi o reconhecimento do "estilo" do túnel, semelhante ao usado em uma fuga do presídio do Carandiru, em 2001, em São Paulo. A evidência trouxe a investigação para a capital paulista – mais tarde, foram descobertas vertentes em Belo Horizonte e Porto Alegre, além de Boa Viagem e Canoa Quebrada, pequenos municípios no Ceará. Além de reportagens da época, a série mostra as ramificações dos criminosos por meio de quadros animados com fotos e diagramas, no melhor estilo das diligências feitas pelo FBI nos filmes de Hollywood.

O terceiro e último episódio pode ser resumido em uma frase do delegado Santos: "eles tiveram coragem e talento para executar o crime, mas não planejaram o que fazer com tanto dinheiro". Ao contrário do que imaginaram, as três toneladas de dinheiro tornaram-se um peso insustentável. A inevitável fama dos criminosos que participaram da ação não lhes trouxe apenas inimigos no mundo do crime, como atraiu policiais corruptos que passaram a extorqui-los. Entre as consequências, a série cita até os atentados cometidos pelo PCC em São Paulo, em 2006. Com a solução do crime e a prisão dos integrantes e de dezenas de comparsas, o maior assalto da história do Brasil ainda faz parte do imaginário popular brasileiro, mas como uma grande maldição. ■

TRÊS ASSALTOS MEMORÁVEIS NAS TELAS

Fogo Contra Fogo
Os bandidos do clássico de Michael Mann roubam US$ 1,6 milhão – menos que a quadrilha de Fortaleza

Um Dia de Cão
Estrelado por Al Pacino e dirigido por Sidney Lumet, o longa inspirado em uma história real mostra um roubo que dá errado – e o público fica do lado dos criminosos

Plano Perfeito
Um dos melhores filmes do estilo em todos os tempos, a produção alucinante de Spike Lee inspirou, entre outros, a série La Casa de Papel

AO VIVO Dave Grohl, do Foo Fighters: festa vai reunir 100 mil pessoas por dia

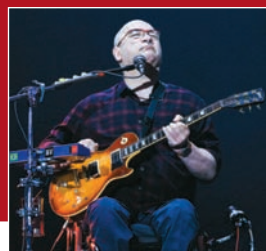
SHOW

Lollapalooza 2022, finalmente

Após ser adiado três vezes, megafestival de música alternativa simboliza o retorno dos grandes eventos presenciais

Os fãs de rock e eletrônica podem comemorar: a 9ª edição do Lollapalooza finalmente chega a São Paulo. Previsto para março de 2020 e adiado três vezes em decorrência da pandemia, o festival de música alternativa acontece de 25 a 27 de março no Autódromo de Interlagos e simboliza a volta dos grandes eventos presenciais – a organização espera cerca de 100 mil pessoas por dia. Como já é praxe, o público deverá apresentar o comprovante de vacinação. As 70 atrações estarão espalhadas por quatro palcos: na sexta, a banda mais aguardada é o The Strokes, roqueiros nova-iorquinos liderados pelo vocalista Julian Casablancas. O sábado traz um *line-up* mais voltado para o repertório pop, com destaque para a cantora Miley Cyrus e o rapper brasileiro Emicida. No domingo é a vez do rock voltar com força ao palco, com um show do Foo Fighters *(foto)*, o maior nome do estilo na atualidade. No mesmo dia, antes da banda de Dave Grohl, apresentam-se os veteranos do Jane's Addiction. O grupo traz uma curiosidade: o vocalista Perry Farrell, "pai" do Lollapalooza. Ele criou o festival em 1991, em Chicago, para marcar a despedida da banda. O sucesso levou o evento a tornar-se um fenômeno global, com edições na Europa, América do Sul, além dos EUA – e a banda nunca se despediu, como ele havia anunciado.

ROCK BRASIL COMEMORA 40 ANOS

O estilo conhecido como Rock Brasil, que ganhou as paradas em 1982 a partir do sucesso de *Você Não Soube me Amar*, do grupo Blitz, completa 40 anos em 2022. Para celebrar a data, grandes nomes se apresentarão entre 27 e março e 17 de abril no Memorial da América Latina. A programação inclui Paralamas do Sucesso *(foto)*, Capital Inicial, Barão Vermelho, Titãs, IRA!, Blitz e Marina Lima, entre outros. A lista completa pode ser conferida no site memorial.org.br .

PARA LER

Engenheiro Fantasma, novo livro do poeta Fabrício Corsaletti, traz 56 sonetos sobre a temporada do compositor americano Bob Dylan em Buenos Aires, na Argentina – uma trama ficcional, que nasceu a partir de um sonho do autor.

PARA VER

O drama ***Belfast***, de Kenneth Branagh, é um retrato autobiográfico da infância do diretor em sua cidade natal, capital da Irlanda do Norte. Destaque para as atuações do garoto Buddy (Jude Hill) e de sua avó, papel da atriz Judi Dench. Em cartaz nos cinemas.

PARA OUVIR

Com a participação de Teresa Cristina e Zeca Pagodinho, o sambista **Martinho da Vila** lança *Mistura Homogênea*, seu novo álbum. Destaque para *Canta, Canta, Minha Gente*, que a escola Vila Isabel levará ao carnaval carioca, em abril.

FOTOS: RICH FURY/GETTY IMAGES/AFP; REPRODUÇÃO; ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES/AFP; DIVULGAÇÃO

PARA CELEBRAR O INÍCIO DA TEMPORADA 2022, OFERECEREMOS UMA TAÇA DE ESPUMANTE A TODOS OS ESPECTADORES ANTES DE CADA ESPETÁCULO.

TEMPORADA 08/03 A 30/03 // **TER E QUA** 20H — 16

TEMPORADA 04/03 A 27/03 // **SEX** 20H, **SÁB** 21H, **DOM** 18H

TEMPORADA 20/03 A 10/04 // **DOM** 11H E 15H

Acesse
o QR Code
e saiba mais.

VENDAS Sympla

AV. DR. CHUCRI ZAIDAN, 2.460

CLIENTES VIVO VALORIZA TÊM 50% DE DESCONTO EM TODOS OS ESPETÁCULOS DA PROGRAMAÇÃO NA COMPRA DE ATÉ 1 PAR DE INGRESSOS POR CPF.

É OBRIGATÓRIA A APRESENTAÇÃO DO COMPROVANTE DE VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

LIGAÇÃO GRAVADA

Baseado em uma história real.

Julia, a vítima.

Numa noite de sexta-feira, Julia 20 anos, saiu com os amigos.

No esquenta da balada, comprou uma cerveja de um vendedor ambulante.

Passou o cartão na maquininha e digitou a senha. Achou estranho o fato de a maquininha ter a tela apagada.

— Ah…agora já foi. - pensou.

Minutos depois, graças ao esforço constante da Central de Segurança do banco, Julia recebeu uma mensagem no celular informando que o banco havia bloqueado "uma compra suspeita no valor de R$ 3.000,00".

Ao ler a mensagem, Julia pegou o cartão e, onde deveria estar seu nome, estava o de um tal de "Murilo Lopes Bueno". O vendedor, habilmente, havia trocado o cartão de Julia por outro roubado na semana anterior.

Os amigos acalmam Julia.

— Tranquilo, Ju! O banco bloqueou a compra.

No dia seguinte, Julia liga para a Central de Segurança do banco para se certificar de que o débito não será realizado.

A atendente do telemarketing, informa que a ligação está sendo gravada para a segurança de Julia. Em seguida, pergunta se ela digitou sua senha quando o ambulante ofereceu a maquininha do cartão.

— Sim…eu até reparei que não tinha valor nenhum na tela…que burra que eu sou, né? Mas olha, fiz um B.O. online, tá?

A atendente, então, informa que o banco abrirá uma investigação e que retornarão o contato em no máximo sete dias. Comunica ainda que o cartão roubado está cancelado e que um novo já foi emitido.

Ao desligar, Julia conclui que a investigação vai, obviamente, cancelar o débito ao apurar que aquele valor é incomum para ela, além do fato de ter informado que foi roubada, como está no B.O. online.

Não é o que acontece.

Na fatura do cartão, vinte dias depois, consta o débito de R$ 3.000. O banco alegou que a operação não foi cancelada pois a transação foi feita com a senha correta. Para Julia só resta pagar a fatura.

Eliseu, o ladrão.

Eliseu, 43, trabalha no ramo do estelionato há mais de 20 anos.

Golpes pequenos, aqui e ali.

Ultimamente, vem aplicando o da maquininha de cartões com razoável sucesso.

Naquela sexta-feira, chegou em casa com 12 cartões na mochila.

Com R$ 3.000 por golpe são R$ 36.000 em 4 horas de trabalho.

— Nem engenheiro ganha isso, é ou não é? - riu enquanto abria uma cerveja para ele e para a mulher.

Eliseu sabe que não vai ganhar tudo isso. Apenas umas cinco operações vão ser efetivamente pagas. As outras a Central de Segurança dos bancos bloqueia, porque sabem que aquela molecada não costuma gastar tanto no cartão. Fora que alguns até fazem B.O. online.

— Mas já tá bom, né?

Precisamos falar sobre o misterioso golpe do cartão de crédito

A conclusão.

No ano passado, Julia deu um presente de aniversário para a mãe que custou mais ou menos uns R$ 1.500.

Quando estava comprando, por ser um gasto atípico a compra também foi bloqueada. Julia teve que ligar para a Central de Segurança do banco para liberar o gasto. Maior mico na loja.

Se não ligasse, não conseguiria comprar o presente.

Mas também não teria que pagar o valor na fatura.

Então vejamos: se o banco bloqueou a compra com Eliseu, se Julia não reconheceu o gasto, se houve uma investigação e um Boletim de Ocorrência, se Eliseu não recebeu o produto de seu roubo e, mesmo assim, Julia pagou o valor na fatura do mês, alguém pode explicar onde foi parar o dinheiro?

Nenhuma desconfiança.

Apenas um esclarecimento para nossa segurança.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista